



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO
AMBIENTE
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE**

AMANDA LUCENA COUTINHO

**CONHECIMENTO E UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MÁGICO-RELIGIOSAS POR
REZADEIRAS DO SEMIÁRIDO PARAIBANO**

João Pessoa

2018

AMANDA LUCENA COUTINHO

**CONHECIMENTO E UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MÁGICO-RELIGIOSAS POR
REZADEIRAS DO SEMIÁRIDO PARAIBANO**

Defesa de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal da Paraíba – UFPB – como requisito para obtenção do Título de Mestre.

Orientadora: Dra. Kallyne Machado Bonifácio
Co-orientador: Dr. Reinaldo Farias Paiva de Lucena

João Pessoa

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C871c Coutinho, Amanda Lucena.

Conhecimento e utilização de plantas mágico-religiosas
por rezadeiras do semiárido paraibano / Amanda Lucena
Coutinho. - João Pessoa, 2018.

51 f. : il.

Orientação: Kallyne Machado Bonifácio.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCEN.

1. Etnobotânica. 2. Plantas mágico-religiosas. 3.
Rituais de reza. 4. Cultura das rezas. I. Bonifácio,
Kallyne Machado. II. Título.

UFPB/BC

AMANDA LUCENA COUTINHO

CONHECIMENTO E UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MÁGICO-RELIGIOSAS POR
REZADEIRAS DO SEMIÁRIDO PARAIBANO.

Defesa apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA – da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

João Pessoa, 18 / 05 / 2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Kallyne Machado Bonifácio – PRODEMA/UFPB

(Orientadora)



Prof. Dr. Emanuel Luiz Pereira da Silva - UNINASSAU

(Examinador)

Dra. Camilla Marques de Lucena - IESP

(Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, pela vida e por tudo que me foi permitido conquistar, inclusive esse mestrado, por cuidar de mim e colocar anjos em meus caminhos para que eu consiga realizar meus sonhos. Agradecer a Nossa Senhora e a São José por ouvirem meus pedidos, pela intercessão junto a Deus pai e pela proteção diária.

À Universidade Federal da Paraíba, pela oportunidade desse Mestrado e também pelos excelentes professores que tive o prazer de conhecer e que acrescentaram conhecimentos na minha jornada acadêmica.

Aos meus queridos orientadores, escolhidos por Deus, por fazerem a diferença na realização desse sonho: Dr. Reinaldo Farias Paiva de Lucena, Coordenador do PRODEMA, pela competência, empenho e esforço no crescimento do PRODEMA e sensibilidade na criação de uma turma de mestrado voltada aos servidores públicos. Pela confiança e apoio dedicados a mim, fundamental para a realização deste mestrado. E Dra. Kallyne Machado Bonifácio, pela sua competência, organização e disponibilidade que me trouxe segurança para concluir este mestrado.

À Universidade Estadual da Paraíba na pessoa do Professor Dr. Ênio Wocyli Dantas, diretor, coordenador e, acima de tudo, amigo, por sempre me incentivar a buscar capacitação e por acreditar na minha competência.

À minha Família, mãe (Rúbia), irmãos (Eduardo e Andreia), tias, tios, primas e primo, minha sogra (Mocinha), cunhados e co-cunhadas (Gilmar, Meyre, Gilberto e Eliane) por todo apoio e carinho.

Ao meu esposo Jucelino Coutinho pelo seu apoio, confiança, cumplicidade e também por me ajudar nas coletas dos dados da pesquisa.

À minha filha Ana Júlia, presente de Deus, que em meu ventre já compartilha comigo a alegria na realização desse sonho.

À toda população do Município de Amparo-PB, em especial, as rezadeiras (Mocinha, Erotides, Quitéria, Marta de Jacó, Júlia, Rosa de Maninho, Emerita, Inacinha, Dete e Maria de Joca) que participaram da pesquisa, por sempre se mostrarem solícitas, pela disponibilidade em fazer o melhor e também por me receberem sempre com alegria e atenção.

Ao LECA – Laboratório de Etnobiologia e Ciências Ambientais por me permitir conhecer pesquisadores de alto nível abrindo as portas para a oportunidade de maior aprendizagem. Apesar de pouca vivência, trago um carinho especial por todos.

Aos meus amigos da turma de servidor do PRODEMA, que levarei por toda vida, pelos momentos maravilhosos desde as discursões em sala de aula (aprendizagem) aos momentos de descontração e lazer. Quero agradecer em especial a Ana Paula, Silvana, Yasmim, Layanna, Carla, Andréa e Danila pelas conversas, desabafos e momentos de descontração.

Aos meus amigos do Laboratório de Botânica do Campus V da UEPB, por toda ajuda para que essa pesquisa fosse realizada, mas acima de tudo pela amizade e cumplicidade diária, fundamentais para estimular e alegrar os meus dias. Em especial a Irma, Davi, Milena, Thainá, Natália, Bruno, Alan, Sérgio e Ênio.

Aos amigos, Hermes (IFPB), Irma (UFRPE), Natália (UFRPE), Leandro (UFRN) e professores Iranildo (UEPB), Ênio (UEPB) e Sérgio (UEPB) pela ajuda na identificação das plantas.

À Macelly e Robson pelo apoio nos serviços do herbário Arruda Câmara da UEPB.

Às minhas amigas Liliane, Michelle, Juliana e Hilza, pelas tardes de cafezinho e conversas, proporcionando momentos de relaxamento e descontração, e também pela torcida pela realização desse sonho.

À minha amiga, médica, terapeuta Wanicleide Leite por todos os ensinamentos, cuidados com minha saúde e por sempre mostrar caminhos mais fáceis e prazerosos tornando tudo bem melhor.

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse sonho.

OBRIGADA!!

Dedico

À minha querida mãe,
Rúbia dos Santos Lucena
que me deu tudo aquilo que eu precisava,
o Amor;

Ao meu amado esposo,
Jucelino da Silva Coutinho
pela cumplicidade, cuidado, compreensão,
apoio e amor.... todos os dias

LISTA DE FIGURAS

CAPÍTULO 1

MATERIAIS E MÉTODOS

Área de estudo

Figura 1 – Localização do município de Amparo, Paraíba, Nordeste do Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Levantamento etnobotânico e funções mágico-religiosas das plantas

Figura 2 – Indicações terapêuticas das rezas segundo as rezadeiras do Município de Amparo, Paraíba, Brasil.

APENDICE 1 – Figuras das espécies de plantas citadas na pesquisa

Figura 3 A-B: Amaranthaceae - *Chenopodium ambrosioides* L. (Mastruz). **C-E:** Annonaceae – *Annona squamosa* L. (Pinha). **F-H:** Cleomaceae – *Tarenaya spinosa* (Jacq.) Raf. (Muçambê).

Figura 4 A-B: Convolvulaceae - *Ipomoea carnea* Jacq. (Mucambo ou Oliveira). **C-F:** Euphorbiaceae - *Jatropha gossypifolia* L. (Pinhão Roxo). **G-I:** Fabaceae - *Cassia siamea* Lam. (Canafistula).

Figura 5 A-C: Fabaceae - *Leucaena leucocephala* (Lam.) de Wit. (Linhaça). **D-F:** Fabaceae - *Caesalpinia pyramidalis* Tul. (Catingueira). **G-I:** Fabaceae - *Senna occidentalis* (L.) Link. (Pajé ou Manjiroba).

Figura 6 A-B: Fabaceae - *Prosopis juliflora* (Sw.) DC. (Algaroba). **C-E:** Lamiaceae - *Lippia sidoides* Cham. (Alecrim silvestre). **F-G:** Lamiaceae - *Mentha piperita* L. (Hortelã Pimenta).

Figura 7 A-B: Lamiaceae - *Rosmarinus officinalis* L. (Alecrim tempero). **C-D:** Lamiaceae - *Ocimum basilicum* L. (Manjericão). **E-G:** Malvaceae - *Gossypium hirsutum* L. (Algodão).

Figura 8 A-C: Meliaceae - *Azadirachta indica* A. Juss. (Nin, Aroeira do Pará, Vitória ou Estrela do Norte). **D-F:** Moringaceae - *Moringa oleifera* Lam. (Jarrim). **G-H:** Moraceae - *Ficus benjamina* L. (Ficus).

Figura 9 A-B: Plantaginaceae - *Scoparia dulcis* L. (Vassourinha). **C:** Rutaceae - *Ruta graveolens* L. (Arruda). **D-F:** Rhamnaceae - *Ziziphus joazeiro* Mart. (Juazeiro). **G-J:** Solanaceae - *Nicotiana glauca* Graham (Apara-raio ou Oliveira).

Figura 10 A-C: Verbenaceae - *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson. (Cidreira).

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO 1

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Características socioeconômicas das rezadeiras

Tabela 1- Características socioeconômicas das rezadeiras no município de Amparo, Paraíba, Brasil.

Levantamento etnobotânico e funções mágico-religiosas das plantas

Tabela 2- Levantamento etnobotânico das plantas mágico-religiosas usadas pelas rezadeiras do município de Amparo, Paraíba, Brasil.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO GERAL	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 As plantas mágico-religiosas	11
2.2 As rezadeiras e as plantas	14
REFERÊNCIAS	9
CAPÍTULO 1	20
Conhecimento e utilização de plantas mágico-religiosas por rezadeiras do Semiárido paraibano, Nordeste do Brasil.	20
RESUMO	21
ABSTRACT	21
INTRODUÇÃO	22
MATERIAIS E MÉTODOS	23
Área de estudo	23
Público-Alvo e Amostragem	25
Procedimentos metodológicos	25
RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
Características socioeconômicas das rezadeiras	26
Levantamento etnobotânico e funções mágico-religiosas das plantas.....	28
Formas de obtenção das plantas mágico-religiosas	35
CONCLUSÕES	35
REFERÊNCIAS	36
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
APÊNDICE 1 - Figuras das espécies de plantas utilizadas pelas rezadeiras de Amparo, Paraíba, Nordeste do Brasil.....	42
APÊNDICE 2 - Formulário de entrevista aplicado as rezadeiras da Comunidade de Amparo, Paraíba, Nordeste do Brasil.....	50
ANEXO 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.....	51

1 INTRODUÇÃO GERAL

As plantas são associadas ao mundo natural, social e espiritual conforme suas propriedades (LIMA et al., 2005). A Etnobotânica surge nesse contexto com a finalidade de compreender as inter-relações homem-planta desde suas interações naturais, simbólicas e também culturais, além de contribuir para a valorização e conservação do conhecimento tradicional relacionado às plantas (GOMES et al., 2017; SILVA, et al., 2014; ALBUQUERQUE, 2005).

Vários grupos humanos, a exemplo dos quilombolas, indígenas e agricultores, se utilizam das plantas em seus rituais místicos e religiosos desde a antiguidade (SHARMA; PEGU, 2011), utilizando-as para banhos, rezas e cerimônias. No cenário mundial, o uso das plantas é bastante relevante, principalmente nos aspectos voltados à saúde e nos seus aspectos mágicos (BARROS, 2014). Os valores simbólicos são herdados do grupo familiar e social numa constante busca pelos significados e sentidos da vida, pois, para populações tradicionais a espiritualidade tem maior representatividade do que o mundo material (CAMARGO, 2014). A utilização das plantas pelas culturas pode ir além das propriedades farmacológicas como afirma Barros (2014) que trata a vegetação como uma floresta sagrada relacionando-a aos deuses e à espiritualidade.

Algumas plantas cultivadas no Brasil são bastante referenciadas na literatura pelo seu uso mágico-religioso, destacando-se o pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia* L.), a arruda (*Ruta graveolens* L.) e a vassourinha (*Scoparia dulcis* L.) (ZANK; HANAZAKI, 2016; OLIVEIRA; TROVÃO, 2009; ALBUQUERQUE et al., 2007) que são bastante utilizados nas práticas de bençãos.

Dentre os detentores destes conhecimentos, destacam-se as rezadeiras, “escolhidas por Deus” para curar e libertar o mal da pessoa rezada (PIMENTEL, 2007). Utilizam da fé associada a instrumentos, como as plantas, para manter o equilíbrio entre a saúde e a doença (OLIVEIRA, 2015). Essas especialistas dedicam suas vidas à solidariedade, assumindo o ofício de atender a todos aqueles que buscam a cura de suas enfermidades físicas, espirituais, emocionais e até sociais.

Os mais diversos males podem ser tratados pelas rezas associadas às plantas mágico-religiosas, desde enfermidades do corpo, como dor de cabeça, infecções e torção, como também problemas espirituais, como mal olhado, inveja e energias negativas (FREITAS, 2014; OLIVEIRA; TROVÃO, 2009).

Nesse cenário, esta pesquisa buscou registrar o conhecimento acerca das espécies de plantas mágico-religiosas utilizadas pelas rezadeiras do município de Amparo, no Estado da Paraíba, discutindo seu valor simbólico, além de promover a valorização e reforçar a importância da manutenção desse conhecimento para a cultura, que tem sofrido muitas interferências do mundo globalizado. Como objetivos específicos buscou-se levantar quais espécies nativas e exóticas são utilizadas como mágico-religiosas; identificar as formas de obtenção dessas plantas; e descrever as funções mágico-religiosas atribuídas a essas plantas, enfatizando a forma de obtenção do conhecimento sobre elas.

Este trabalho está estruturado na forma de um artigo intitulado como “Conhecimento e utilização de plantas mágico-religiosas por rezadeiras do semiárido paraibano, nordeste do Brasil”, e será submetido à Revista *Ethnoscintia*.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 As plantas mágico-religiosas

As práticas culturais se aprendem, se reelaboram e são transmitidas através das gerações por meio de interações entre sociedade, natureza e cultura (SOUSA, 2014). As plantas tem se destacado nos seus diversos usos, principalmente com relação à saúde (SILVA et al., 2015), pois durante muito tempo foram consideradas como único recurso de tratamento para as pessoas locais (FREITAS, 2014; MACIEL et al., 2002).

A Etnobotânica vem contribuindo para o entendimento dessas inter-relações homem/planta (SILVA et al., 2014) e elucidando as mais diversas formas de uso da vegetação local pelas comunidades (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002). As principais categorias de uso de plantas descritas na literatura são: alimentício, combustível, construção, forragem, tecnologia, veterinário, ornamentação, medicinal, mágico-religioso, higiene, entre outros (ALVES et al., 2014; SILVA et al., 2014; LUCENA et al., 2012; LUCENA et al., 2008; LUCENA et al., 2007).

A utilização dos recursos vegetais para fins mágico-religiosos está relacionada com o mundo sagrado e simbólico que atua no processo de cura, proteção e fé da comunidade local (CUELLAR et al., 2014; ARRUDA-CAMARGO, 2006; SILVA; ANDRADE, 2005; ALBUQUERQUE, 2001). Esse mundo de significados simbólicos foi construído ao longo das gerações através da inter-relação com o mundo vegetal, melhorando a qualidade de vida das comunidades humanas, e seu emprego está presente nos diversos tipos de rituais e cerimônias, sendo usado para estabelecer vínculos com divindades espirituais veneradas nas religiões (AGARWALL, 2014; ALBUQUERQUE, 2001; SCHMEDA-HIRSCHMANN, 1993; VOGEL et al., 1993), sendo tratado como objeto sagrado (ARRUDA-CAMARGO, 2006; SILVA; ANDRADE, 2005), revelando aspectos religiosos, sociológicos e culturais dos povos (FREITAS, 2014).

As comunidades indígenas são consideradas referência de conhecimento e aproximação com a vegetação por viverem em contato direto com a natureza numa relação de respeito e reverência (AGARWAL, 2014; SCHMEDA- HIRSCHMANN, 1993). Os povos africanos, como exemplo, os da comunidade da Namíbia na África ainda dependem fortemente da medicina tradicional demonstrando confiança e preferência pela cura das enfermidades através dos curandeiros (CHEIKHYOUSSEF et al., 2011).

Sharma e Pegu (2011) estudando uma comunidade indígena no nordeste da Índia, continente asiático, identificaram uma variedade de espécies vegetais com significado sagrado. Os autores citam que as plantas utilizadas por este grupo humano serviam para curar, proteger, cuidar, alimentar, recepcionar visitantes, se aproximar dos deuses e faziam parte de quase todas as atividades da tribo.

A obra *Medicina Oculta* de Weok (2011) traz que no futuro a ciência, a fé, a tecnologia e os conhecimentos naturais se unirão para alcançar a cura das doenças. O autor aborda o conhecimento médico indígena dos arhuacos na Colômbia, América do Sul, relatando a capacidade de curar em função do conhecimento e do manejo correto dos “elementais,” dentre eles as plantas. Esses povos acreditam que a ciência de cura pelas plantas está ligada ao estudo do homem e da planta em um triplo enfoque de corpo, alma e espírito, e que são capazes de curar diversas doenças, entre elas o câncer, sem o uso de fármacos e irradiações.

Frazão-Moreira (2016) em sua pesquisa sobre o uso de plantas por curandeiros de Guiné-Bissau, África, observou a grande influência da simbologia ancestral associada às plantas na cura das doenças físicas e espirituais. Esses curandeiros possuem bastante influência islâmica e acreditam que todas as plantas são medicinais e que seu poder de cura está associado às forças espirituais e ao conhecimento sobre as plantas.

No território de Cundinamarca na Colômbia, América do Sul, Fonseca et al. (2017) verificaram o uso de plantas mágico-religiosas relacionadas às crenças religiosas, sendo usadas para presságio, amuletos e contra o mal. Os autores observaram que as plantas também estão ligadas às suas tradições, sendo incluídas em mitos, lendas e histórias.

Os tratamentos com plantas sagradas nas comunidades locais principalmente nas Américas são indicados para os mais diversos males, como: “abertura de caminhos”, “combate à inveja”, “feitiço”, “ventre virado”, “cobreiro” (FREITAS, 2014), “mau-olhado”, “espinhela caída”, “quebranto” e “coisas pesadas” (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009). Também são usadas para banhos ritualísticos de “descarrego”, “astral”, “limpeza” (MAIOLI-AZEVEDO; FONSECA-KRUEL, 2007; ALBUQUERQUE; CHIAPPETA, 1994), para fins de alteração mental e purificação (BUSSMANN, 2016). Há também o uso místico atribuído às divindades como os Orixás (SOUZA et al., 2012; SCHMEDA-HIRSCHMANN, 1993).

O mau olhado é a mais corriqueira das doenças tratadas com rezas e plantas mágico-religiosas e é comum a todas as culturas desde os tempos antigos (VERDE et al., 1997). Desenvolve sintomas de sonolência e fadiga, podendo atingir também o sistema gástrico acarretando diarreias e vômitos (PAGANI et al., 2017).

Alguns autores observaram o efeito alucinógeno das plantas mágicas para contato com a espiritualidade (BUSSMANN, 2016; FERREIRA-JUNIOR et al., 2010), afim de diagnosticar e tratar doenças, prever o futuro, orientar-se sobre a hora de plantar ou caçar e para decidir sobre relações entre indivíduos e outros povos (BUSSMANN, 2016). Outros pesquisadores consideram essa ideia errônea, pois, para eles, o sentido mágico é muito mais complexo, não possui explicação biológica nem relação com as propriedades alucinógenas (VERDE et al., 1997).

O uso mágico-religioso das plantas também está associado, em muitas comunidades, ao uso de plantas medicinais (FERREIRA-JUNIOR et al., 2010; ALBUQUERQUE et al., 2007; ALBUQUERQUE, 2001; HEINRICH et al., 1998; SHARMA; PEGU, 2011; FREITAS, 2014), ou seja, o mesmo especialista que utiliza das plantas para as rezas também indicam suas propriedades medicinais na forma de medicamentos. Por outro lado, há pesquisadores que consideram que o entendimento das propriedades medicinais das plantas veio a partir do conhecimento simbólico da relação da planta com o divino, atribuindo à eficiência de cura das plantas mais ao seu valor mágico (simbólico), do que seu valor medicinal intrínseco (ALBUQUERQUE; CHIAPPETTA, 1994; FAINZANG, 1981). Há também pesquisadores que discordam, afirmando que há uma tendência em considerar os efeitos simbólicos como secundários aos efeitos médicos (FERREIRA-JUNIOR et al., 2010).

Caso, são as espécies de plantas, pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia* L.), jurema (*Mimosa hostilis* Benth.), jurema preta (*Mimosa tenuiflora* [Willd.] Poir.) e aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Fr. All.), consideradas dentre as principais plantas mágico-religiosas nativas que também são utilizadas no nordeste brasileiro pelas propriedades medicinais (LUCENA et al., 2014; GUERRA et al., 2012; FERREIRA-JUNIOR et al., 2010; ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002; ALBUQUERQUE, 2001).

Os principais especialistas locais detentores do conhecimento das plantas mágico-religiosas na cura das enfermidades no semiárido nordestino são os curandeiros, rezadeiras e/ou benzedoras (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012; THEOTONIO, 2010). Estes atribuem um ritual específico para cada enfermidade, composto pelas rezas, plantas e objetos, que pode apresentar variações intracultural dentro da comunidade e até mesmo entre as gerações (ZANK; HANAZAKI, 2016).

Diante disso, é importante conhecer e registrar as plantas mágico-religiosas, utilizadas pelas rezadeiras, e o conhecimento local relacionado a essa cultura, pois o saber tradicional sobre uso de plantas contribui para a interação social dentro da comunidade e para o desenvolvimento sustentável local (FONSECA et al., 2017).

2.2 As rezadeiras e as plantas

A cultura de cura pela fé é muito antiga e forte na história das populações tradicionais, principalmente nas indígenas e afrodescendentes, que expressam uma intimidade com as divindades desde suas origens, utilizando dos poderes mágicos e curativos das ervas para o contato com o divino e a cura das enfermidades (SHARMA; PEGU, 2011; ARRUDA-CAMARGO, 2006).

Esses valores sagrados fazem parte de um imaginário popular que se reveste de um conjunto de símbolos e signos que envolvem o mundo sagrado das rezadeiras (REIS et al., 2013). Acreditava-se que na antiguidade as divindades concediam aos humanos o conhecimento sobre os poderes mágicos e curativos das plantas para tratarem das doenças, como também, para fins religiosos de rituais e oferendas a deuses (FREITAS, 2014).

As rezadeiras são “escolhidas por Deus” para curar e libertar do mal a pessoa rezada (PIMENTEL, 2007), desempenhando a função de mantenedora do equilíbrio entre saúde e doença, bem e mal, com o poder de afastar os maus espíritos, encostos e fenômenos de possessão (OLIVEIRA, 2015). O autor Oliveira (2015) destaca ainda que essa prática envolve três elementos essenciais: a bênção, a fé na cura que é ‘dom de Deus’ e a confiança na cura de quem será rezado.

O termo rezadeira ou benzedeira é empregado com predominância para o gênero feminino (MACIEL; NETO, 2006), pois a cultura das rezas e bênçãos está ligada às mulheres devido a sua responsabilidade de cuidado com a família e a relação com a espiritualidade (ZANK; HANAZAKI, 2016; LEONTI et al., 2002). No entanto, não é exclusivo das mulheres (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012), os rezadores também estão presentes nas comunidades locais (PAGANI et al., 2017; MEDEIROS, 2017), principalmente nas de origem indígena (CHEIKHYOUSSEF et al., 2011; SCHMEDA-HIRSCHMANN, 1993).

Pagani et al. (2017) inclui os “rezadores” dentro da categoria de curandeiros e os define como oradores que rezam e abençoam o doente por intermédio das forças espirituais, promovendo a cura, assim como, também recebem informações da espiritualidade sobre os recursos a serem utilizados.

Zank e Hanazaki (2016) consideram curandeiros, benzedeiros e rezadeiras dentro da mesma categoria de especialistas locais responsáveis pela cura, mas observou preferência das entrevistadas em serem chamadas de rezadeiras por serem católicas, pois, segundo elas, a denotação benzedeiros conota ligações não católicas.

As rezadeiras possuem lugar de liderança em suas comunidades, pois são comparadas à “psicólogas”, que amenizam o sofrimento espiritual e/ou psicológico da pessoa doente (PIMENTEL, 2007). Portanto a aliança de força da liderança dessas especialistas com os programas governamentais de saúde preventiva poderia ser uma alternativa relevante para a melhoria dos sistemas médicos locais, tendo em vista que a fé e a medicina sempre estiveram muito próximas na cultura popular (MACHADO, 2017).

Nas comunidades rurais do semiárido as rezadeiras fazem o uso das plantas mágico-religiosas tratando dos problemas do corpo físico, espiritual e até mesmo de ordem social, econômica e psicológica do indivíduo ou do grupo (OLIVEIRA, 2015). Essas especialistas usam do universo simbólico divino composto pelas orações e, na maioria das vezes, plantas para curar as doenças de dores de cabeça, de ouvido, de dente, mal olhado, coisas pesadas, quebranto, espinhela caída, entre outras (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009).

O saber das rezadeiras é transmitido através da comunicação oral e da observação, com a finalidade de curar através das plantas consideradas mágicas (DEL PRIORE, 1997). As comunidades, em sua maioria, adquirem esse conhecimento sobre o uso da vegetação com os familiares e vizinhos, e admitem não se preocupar com o repasse desse conhecimento para as novas gerações (CARVALHO et al., 2012).

REFERÊNCIAS

- AGARWAL, Poonam. Study of sacred plants used by people in fatehpur district of uttarpradesh (India). **LIFE SCIENCES LEAFLETS**, v. 54, p. 0976-1098, 2014.
- ALBERTASSE, P. D.; THOMAZ, L. D.; ANDRADE, M. A.. Plantas medicinais e seus usos na comunidade da Barra do Jucu, Vila Velha, ES. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v. 12, n. 3, p. 25-260, 2010.
- ALBUQUERQUE, U. P.; MONTEIRO, J. M.; RAMOS, M. A., AMORIM, E. L. C. Medicinal and magic plants from a public market in northeastern Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**. v. 110, p.76–91, 2007.
- ALBUQUERQUE, U. P. Introdução à Etnobotânica. **Interciência**, Rio de Janeiro. 2005.
- _____ The use of medicinal plants by the cultural descendants of African people in Brazil. **Acta Farmacéutica Bonaerense**, v. 20, n. 2, p. 139-144, 2001.
- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botânica Brasílica**. v.16, n.3, p. 273-285, 2002.
- ALBUQUERQUE, U. P.; CHIAPPETA, A. A.. O uso de plantas e a concepção de doença e cura nos cultos afro-brasileiros. **Ciência and Trópico**, v. 22, p. 197-209, 1994.
- ALVES, C. M et al. Ethnobotanical study of useful vegetal species in two rural communities in the semi-arid region of Paraíba state (Northeastern Brazil). **Bol. Mus. Biol. MELLO LEITAO**, v. 34, p.75-96, 2014.
- ARRUDA-CAMARGO, M. T. L. Os poderes das plantas sagradas numa abordagem etnofarmacobotânica. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v.15-16, p. 395-410, 2006.
- BARROS, J. F. P.. **A Floresta Sagrada de Ossaim: O Segredo das folhas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- BUSSMANN, R W. Magic Plants. In: **Introduction to Ethnobiology**. Springer International Publishing, p. 163-169, 2016.
- CAMARGO, M. T. L. A.. **As Plantas Mediciniais e o sagrado**. A etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil. São Paulo: Ícone, 2014.
- CARVALHO, T. K. N.; SOUSA, R. F.; MENESES, S. S. S.; RIBEIRO, J. P. O.; FELIX, L. P. & LUCENA, R. F. P.. Plantas usadas por uma comunidade rural na Depressão Sertaneja no Nordeste do Brasil. **Biofar.**, Vol. Especial, p. 92-120, 2012.
- CHEIKHYOUSSEF, A.; SHAPI, M.; MATENGU, K.; ASHEKELE, H. M.. Ethnobotanical study of indigenous knowledge on medicinal plant use by traditional healers in Oshikoto region, Namibia. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 7, n. 1, p. 10, 2011.
- CUELLAR, R. D. P.; GÓMEZ, A. F. V., MORALES, M. M. B., CAETANO, C. M.. Valoración de plantas curativas comercializadas em los mercados locales de los municipios de

El Cerrito y Palmira, Valle del Cauca, Colombia. **Revista de Investigación Agraria y Ambiental**, v. 5, n. 2, p. 155-168, 2014.

DEL PRIORE, M. **Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino**. In: História das mulheres no Brasil. São Paulo: Unesp, 1997.

FAINZANG S. La cure comme mythe: le traitement de la maladie et son idéologie a partir de quelques exemples Ouest-Africains. **Cahiers ORSTOM**. v. 18, n. 4, p. 415-421, 1981.

FERREIRA-JÚNIOR, W. S.; CRUZ, M. P., VIEIRA, F. J.; ALBUQUERQUE, U. P.. Are hallucinogenic plants efficacious in curing diseases?. **Boletín Latino americano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, v. 9, n. 4, p. 292-301, 2010.

FRAZÃO-MOREIRA, A. The symbolic efficacy of medicinal plants: practices, knowledge, and religious beliefs amongst the Nalu healers of Guinea-Bissau. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine**, v. 12, n. 1, p. 24, 2016.

FREITAS, C. L. Uso terapêutico e religioso das ervas. **Caminhos**, v. 12, n. 1, p. 79-92, 2014.

FONSECA, L. M. B.; GARZÓN, A. G. M.; GÓMEZ, M. A. T. Recuperación etnobotánica del uso tradicional no maderable del bosque secundário en el municipio de Nocaima, Cundinamarca. **Revista Mutis**, v. 7, n. 1, p. 48-66, 2017.

GOMES, T. M. F.; LOPES, J. B.; BARROS, R. F. M.; ALENCAR, N. L. Plantas de uso terapêutico na comunidade rural Bezerromorto, São João da Canabrava, Piauí, Brasil. **Gaia Scientia**, v. 11, n. 1, p. 253-268, 2017.

GUERRA, N. M et al. Usos locais de espécies vegetais nativas em uma comunidade rural no semiárido nordestino (São Mamede, Paraíba, Brasil). **Biofar.**, Vol. Especial, 2012.

HEINRICH, M.; ANKLI, A., FREI, B., WEIMANN, C.; STICHER, O. Medicinal plants in Mexico: Healers' consensus and cultural importance. **Social Science & Medicine**, v. 47, n. 11, p. 1859-1871, 1998.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M T. Velhas benzedadeiras. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 17, n. 2, p. 126-140, 2012.

LEONTI, M.; STICHER, O.; HEINRICH, M. Medicinal plants of the Popoluca, México: organoleptic properties as indigenous selection criteria. **Journal of ethnopharmacology**, v. 81, n. 3, p. 307-315, 2002.

LIMA, M. S. C.; SILVA, W. L. S.; ANDRADE, L. H. C.. Plantas místico-religiosas em rituais da nação Xambá e na Umbanda. In: ALBUQUERQUE, U. P.; ALMEIDA, C. F. C. B. R.; MARINS, J. F. A. (Orgs). **Tópicos em Conservação, Etnobotânica e Etnofarmacologia de Plantas Mediciniais e Mágicas**. Ed.: NUPPEA/ Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia. p 77-100, 2005.

LUCENA, R. F. P. et al. Traditional knowledge and use of *Mimosa tenuiflora* (Wild.) Poir. (jurema-preta) in the semi-arid region from Northeastern Brazil. **Gaia Scientia**, v. 8, n. 1, 2014.

LUCENA, R. F. P et al. Uso de recursos vegetais da caatinga em uma comunidade rural no Curimataú Paraibano (Nordeste do Brasil). **Polibotânica**, n. 34, p. 217-238, 2012.

- LUCENA, R. F. P.; NASCIMENTO, V. T.; ARAÚJO, E. L.; ALBUQUERQUE, U. P.. Local uses of native plants in an area of Caatinga vegetation (Pernambuco, NE Brazil). **Ethnobotany Research and Applications**, v. 6, p 003-014, 2008.
- LUCENA, R. F et al. Useful plants of the semi-arid northeastern region of Brazil– a look at their conservation and sustainable use. **Environmental Monitoring and Assessment**, v.125, n. 1, p 281-290, 2007.
- MACHADO, C. F. Agenciamentos da benzedura: O sistema de cura no Quilombo da Casca/RS. **ACENO-Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 3, n. 6, p. 87-102, 2017.
- MACIEL, M.; GUARIM NETO, G.. Um olhar sobre as benzedoras de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. **Bol. Mus. Para Emílio Goeldi, Ciências Humanas**, p. 61-77, 2006.
- MACIEL, M. A. M et al. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química nova**, v. 25, n. 3, p. 429-438, 2002.
- MEDEIROS, M.B.S (Org.). **Seu Pedro Rezador**. João Pessoa-PB: Printgraf, p.134, 2017.
- MAIOLI-AZEVEDO, V.; FONSECA-KRUEL, V. S. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no Município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul. **Acta bot. bras**, v. 21, n. 2, p. 263-275, 2007.
- OLIVEIRA, R. P.. Benzedoras e rezadeiras – A sobrevivência da identidade e das práticas religiosas nos espaços urbanos. **Anais. Simpósios da ABHR**, n. 2, 2015.
- OLIVEIRA, E. C. S.; TROVÃO, D. M. B. M. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista brasileira de Biociências**, v. 7, n. 3, 2009.
- PAGANI, E.; SANTOS, J. F. L; RODRIGUES, E.. Culture-Bound Syndromes of a Brazilian Amazon Riverine population: Tentative correspondence between traditional and conventional medicine terms and possible ethnopharmacological implications. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 203, p. 80-89, 2017.
- PIMENTEL, C. M. S. Rezadeiras – Uma fé popular. **OPSIS**, v. 7, n. 8, p. 267-279, 2007.
- REIS, M. R. A.; COSTA, K. F.; MELO, J. C.. Fé, misticismo e tradição: Práticas de cura de uma afrodescendente da comunidade Buraco D'água (Alagoa Grande–PB). **Cadernos Imbondeiro**, v. 2, n. 1, 2013.
- SHARMA, U. K.; PEGU, S.. Ethnobotany of religious and supernatural beliefs of the Mising tribes of Assam with special reference to the 'DoburUie'. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine**, v. 7, n. 1, p. 16, 2011.
- SCHMEDA-HIRSCHMANN, Guillermo. Magic and medicinal plants of the Ayoreos of the Chaco Boreal (Paraguay). **Journal of ethnopharmacology**, v. 39, n. 2, p. 105-111, 1993.
- SILVA, P. H.; BARROS, M.; OLIVEIRA, Y. R.; ABREU, M. C.. A Etnobotânica e as plantas medicinais sob a perspectiva da valorização do conhecimento tradicional e da conservação ambiental. **Revista de Ciências Ambientais**, v. 9, n. 2, p. 67-86, 2015.

- SILVA, N et al. Conhecimento e Uso da Vegetação Nativa da Caatinga em uma Comunidade Rural da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão**, n. 34, 2014.
- SILVA, A. J. R.; ANDRADE, L. H. C.. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral-Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. **Acta bot. bras**, v. 19, n. 1, p. 45-60, 2005.
- SOUSA, R. F. B. **Pra curar tem que ter fé: Curandeiros, Benzedeiros e Rezadores – memórias de indivíduos numa perspectiva Histórica**. 2014. Disponível em: http://uece.br/eventos/eehce2014/anais/trabalhos_completos/103-9359-10082014-221519.pdf. Acesso em: 20 de setembro de 2017.
- SOUZA, R. R.; DANTAS, I. C.; SOBRINHA, L. C.; CHAVE, T. P. Plantas utilizadas em fitomagia na cidade de Limoeiro. **Revista Biologia e Farmácia**, v. 7, n. 02, 2012.
- VERDE, A.; RIVERA, D.; OBÓN, C.. Plantas mágicas de la provincia de Albacete: maléficas, protectoras y mágico-curativas. **Al-Basit**, v. 40, p. 143-156, 1997.
- VOGEL, A.; MELLO, M. A. da S.; BARROS, J.F.P. **A galinha d'ângola: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Pallas/FLACSO/EDUFE 1993.
- WEOR, S. A. **Medicina Oculta: TRATADO DE MEDICINA OCULTA E MAGIA PRÁTICA**. Curitiba-PR: Edisaw, 2011. Tradução Karl Bunn.
- ZANK, S.; HANAZAKI, N.. Healing faith: knowledge, learning and social relationships of healers from Araripe plateau, Brazil. **Ethnobiology and Conservation**, v. 5, 2016.

CAPÍTULO 1

Conhecimento e utilização de plantas mágico-religiosas por rezadeiras do Semiárido paraibano, Nordeste do Brasil.

Amanda Lucena Coutinho, Kallyne Machado Bonifácio e Reinaldo Farias Paiva de Lucena.

Artigo a ser submetido à Revista Ethnoscience

CONHECIMENTO E UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MÁGICO-RELIGIOSAS POR REZADEIRAS DO SEMIÁRIDO PARAIBANO, NORDESTE DO BRASIL.

Amanda Lucena COUTINHO, Kallyne Machado BONIFÁCIO e Reinaldo Farias Paiva de LUCENA.

RESUMO

As plantas mágico-religiosas são instrumentos sagrados nos rituais de reza. O objetivo da pesquisa foi registrar o conhecimento e uso local de plantas mágico-religiosas utilizadas por rezadeiras, discutindo a importância desse conhecimento. A pesquisa entrevistou todas as rezadeiras do município de Amparo-PB, nordeste do Brasil. Para a coleta dos dados, utilizou-se da observação direta, entrevista semiestruturada e coleta de material botânico. Foram registradas 23 espécies distribuídas em 23 gêneros e 15 famílias. As famílias Fabaceae (5 spp.) e Lamiaceae (4 spp.) foram as mais citadas. As espécies mais abordadas pelas rezadeiras foram o pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia* L.), a arruda (*Ruta graveolens* L.) e o muçambê (*Cleome spinosa* (Jacq.) Raf.). As enfermidades tratadas através das rezas com uso das plantas variam de “mal olhado” à “derrame”. Essa cultura ainda resiste no município, apesar da nova geração não demonstrar interesse no ofício. Houve alteração das espécies mágico-religiosas utilizadas ao longo do tempo devido talvez às possíveis alterações na vegetação da caatinga, como a inserção das espécies invasoras. É importante promover políticas públicas para incentivar a cultura das rezadeiras, e assim fomentar a aproximação, respeito e conservação das plantas mágico-religiosas.

Palavras chave: Etnobotânica, Plantas simbólicas, Cultura das rezas.

ABSTRACT

Magic-religious plants are sacred instruments in payer rituals. The objective of this study is to register the knowledge and local use of magic-religious plants used by folk healers (“rezadeiras”) discussing the importance of this knowledge. The research involved interviewing all folk healers from the municipality of Amparo-PB. For data collection, direct observations, semi-structured interviews and botanical samples were obtained. 23 species, distributed in 23 genera and 15 families were registered. The families Fabaceae (5 spp.) and Lamiaceae (4 spp.) were the most cited. The most utilized species were bellyache bush (*Jatropha gossypifolia* L.), rue (*Ruta graveolens* L.), and spider flower (*Cleome spinosa* (Jacq.) Raf.). the ailments most treated by the healers through prayers involving the herbs vary from “evil eye” to “stroke”. This cultural practice still resists in the region, despite the new generation’s lack of interest in the occupation. There was change in the magic-religious species used throughout time, likely due to possible alterations in the Caatinga vegetation, such as invasive species. It is important to promote public policies to incentive the culture of folk healers, and thus encourage the approximation, respect and conservation of magic-religious plants.

Key-words: Ethnobotany, Symbolic plants, prayer culture.

INTRODUÇÃO

O uso de plantas em rituais é uma das mais antigas práticas religiosas praticadas pelas populações locais (SHARMA; PEGU, 2011). As plantas mágico-religiosas são consideradas objetos sagrados de muito prestígio pelas comunidades locais (ALBUQUERQUE; CHIAPPETA, 1994), sendo instrumentos dos especialistas locais, dentre eles as denominadas rezadeiras (ARRUDA-CAMARGO, 2006).

As rezadeiras, também chamadas de benzedadeiras, são mulheres que executam a prática das rezas acionando um mundo material e simbólico de conhecimentos do catolicismo popular para restabelecer a saúde física e espiritual das pessoas que as procuram (SANTOS, 2009).

Albuquerque e Chiappeta (1994) acreditam que as propriedades terapêuticas das plantas são norteadas pelas propriedades mágicas, isto é, são essas virtudes que operam as melhoras dos males que acometem as pessoas e a comunidade. Essas plantas estão inseridas em um mundo de significados particulares, ou seja, não possui explicação biológica (VERDE, et al., 1997), e sim respostas das forças sobrenaturais em uma atmosfera de fé (ZANK ; HANAZAKI, 2016), sendo utilizadas para o cuidado e tratamento das doenças espirituais, sociais e físicas (SHARMA; PEGU, 2011).

Em uma comunidade afrodescendente residente na cidade de Recife, Pernambuco, por exemplo, é comum o uso de plantas mágico-religiosas baseando-se em crenças, símbolos ou sinais, das quais várias espécies como a quixaba (*Bumelia sartorum* Mart.), hortelã-da-folha-gráuda (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.) e alfavaca-de-caboclo (*Ocimum gratissimum* L.) são indicadas para doenças espirituais atribuídas a espíritos malignos ou para evitar castigo devido a violação das leis dos deuses tradicionais (ALBUQUERQUE, 2001).

No semiárido brasileiro as plantas mágico-religiosas possuem significado importante para as comunidades locais (e.g. ALBUQUERQUE; CHIAPPETA, 1994), sendo utilizados em rezas, rituais, banhos, proteção, entre outros (FREITAS, 2014).

No entanto, nas pesquisas etnobotânicas o uso das plantas mágico-religiosas é citado juntamente com as demais categorias de uso (e.g. ARÉVALO-MARÍN et al., 2015; ALVES et al., 2014; GUERRA et al., 2012; CORTÉS et al., 2010; ROQUE et al., 2010; LUCENA et al., 2008; LUCENA et al., 2007; FERRAZ et al., 2006), sendo considerado menos expressivo no contexto geral quando comparado a categorias como medicinal e madeireiro (construção e combustível, por exemplo) . Esse uso tem sido pouco enfatizado pelas comunidades locais, apesar de ser frequente nas práticas de rezas (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009). Tal fato pode

está ocorrendo devido às mudanças socioculturais e ecológicas que ocorre ao longo do tempo, pois o conhecimento tradicional é dinâmico (ZENT, 2013). Trabalhos recentes já tratam essas mudanças associando-as à universalização e ampliação da saúde, a perda de identidade cultural e avanço da urbanização, acarretando um constante desuso das práticas com plantas na região (MUNIZ; SILVA, 2016; HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012; ALVES et al., 2007).

Arévalo-Marín et al. (2015) trabalhando com categorias de uso de plantas em uma comunidade rural do semiárido paraibano identificaram espécies que correm o risco de serem esquecidas por serem pouco citadas, caracterizando assim uma possível perda de diversidade cultural. Os autores discorrem ainda que a erosão desse saber pode está associado à globalização, o que tem afetado principalmente os mais jovens.

Na tentativa de valorizar as práticas das rezadeiras do município de Amparo, no semiárido da Paraíba, e aprofundar os conhecimentos sobre as plantas com significado simbólico, este estudo tem como objetivo geral registrar o conhecimento e o uso local de espécies de plantas nativas e exóticas com propriedades mágico-religiosas utilizadas por pessoas que se dizem rezar, discutindo a importância da manutenção desse conhecimento. Os objetivos específicos buscam levantar quais espécies são utilizadas como mágico-religiosas pelas rezadeiras, identificar as formas de obtenção das plantas mágico-religiosas e descrever as funções mágico-religiosas atribuídas a essas plantas, enfatizando a forma de obtenção do conhecimento sobre elas.

Diante do proposto, parte-se da hipótese de que o conhecimento e uso de plantas com propriedades mágico-religiosas no semiárido da Paraíba estão se perdendo ao longo das gerações, que as rezadeiras estão desaparecendo, principalmente em virtude da nova geração não desejar assumir esse ofício.

MATERIAIS E MÉTODOS

Área de estudo

A pesquisa foi realizada no município de Amparo (Figura 1) localizado na microrregião do Cariri Ocidental no estado da Paraíba, Nordeste do Brasil (Latitude: 7° 34' 6" Sul, Longitude: 37° 3' 9" Oeste). O município distancia-se 314 Km da cidade de João Pessoa, capital do Estado. Possui área territorial de 122 Km² e está a 635m acima do nível do

mar. A população é de 2.088 habitantes (1.062 na Zona urbana e 1.026 na Zona rural) (IDEME, 2010). Limita-se pelos municípios de Ouro Velho-PB à Oeste, Sumé-PB à Leste - Sul, São José do Egito-PE ao Norte e Prata-PB ao Sul (IBGE, 2015).

Amparo encontra-se inserido nos domínios da bacia hidrográfica do rio Paraíba, na Região do Alto Paraíba, incluído na área geográfica de abrangência do semiárido brasileiro, definido pelo Ministério da Integração Nacional em 2005 (BRASIL, 2005). A vegetação é composta por caatinga com trechos de Floresta Caducifólia. A agricultura produz feijão, milho, algodão, goiaba, manga e castanha de caju. Na pecuária, predomina a caprinocultura, além da criação de aves, ovinos e bovinos (AMPARO, 2017).

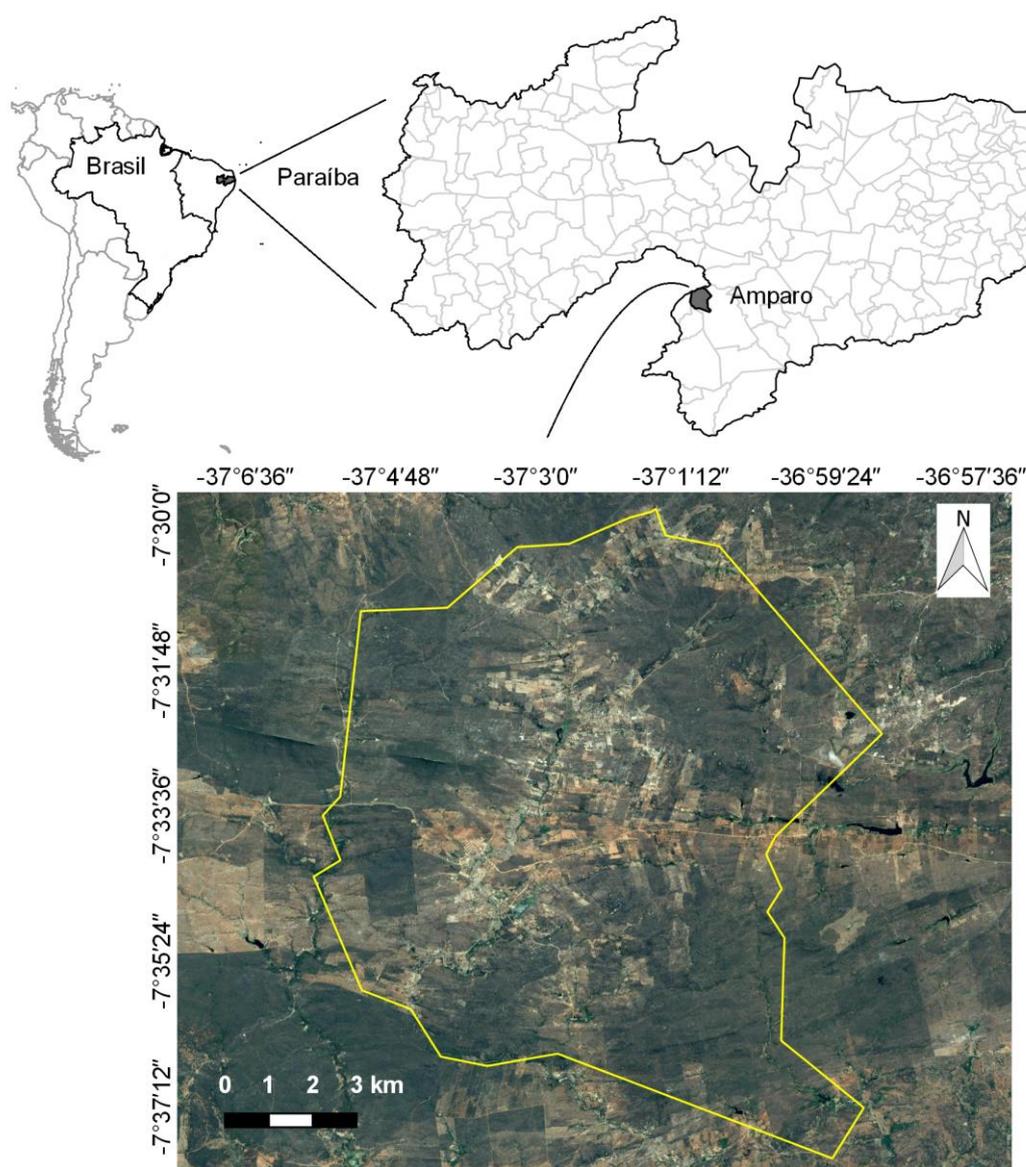


Figura 1 – Localização do município de Amparo, Paraíba, Nordeste do Brasil.

Público-Alvo e Amostragem

A pesquisa foi realizada com 100% (10 dez) das rezadeiras residentes no município de Amparo-PB (3 na zona urbana e 7 na zona rural). Todas as rezadeiras tiveram sua origem na zona rural onde aprenderam e iniciaram a prática das rezas.

A seleção das informantes ocorreu pelo método Bola de neve (“Snow Ball”) (BAILEY, 1994) que consiste em uma amostragem não-probabilística (ALBUQUERQUE et al., 2010) que seleciona o público alvo de forma intencional. Portanto foram iniciadas as visitas através de uma rezadeira que se mostrou disposta a contribuir com a pesquisa e indicou a próxima rezadeira a ser entrevistada. Assim, foram alcançadas todas as rezadeiras atuantes no município de Amparo-PB.

No primeiro contato foi explicado sobre a pesquisa e solicitado o consentimento de participação, assinando assim o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) (CEP/UFPB nº 2.613.549), conforme estabelece a Resolução Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Procedimentos metodológicos

Inicialmente utilizou-se da observação direta (ALBUQUERQUE et al., 2008; ALBUQUERQUE et al., 2010) afim de conhecer a cultura das rezadeiras (ambiente, rituais e relação com a vegetação). As visitas ocorreram através de agendamento prévio onde foram realizadas as entrevistas através de formulários semi-estruturados (HUNTINGTON, 2000) divididos em duas partes (APÊNDICE 1). A primeira parte abordou questões referentes ao perfil das entrevistadas (idade, sexo, escolaridade, ocupação, tempo de moradia no município, estado civil e quantidade de filhos). Na segunda parte foram solicitadas informações sobre as plantas mágico-religiosas (nome das plantas, indicações de usos, local, forma de obtenção e os aspectos relativos à obtenção do conhecimento sobre a planta). Também se abordou perguntas relativas à possível associação do emprego místico da planta com seu poder curativo e medicinal.

A diversidade de plantas utilizadas nos rituais de reza foi obtida por meio da lista livre que permite conhecer a variedade de plantas além de identificar variações intraculturais relacionadas ao seu nome popular (ALBUQUERQUE et al., 2010). A coleta de espécimes foi efetuada através de uma turnê-guiada (ALBUQUERQUE et al., 2010) contando com o auxílio

das rezadeiras. A turnê guiada é uma técnica de entrevista em campo onde o informante aponta as espécies ao pesquisador, dirimindo dúvidas que possam surgir durante a entrevista, como também possibilitando a coleta do material específico (ALBUQUERQUE et al., 2010; ALBUQUERQUE, 2008).

As plantas coletadas foram encaminhadas ao Laboratório de Botânica da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB e foram herborizadas, identificadas e depositadas no herbário Arruda Câmara da UEPB.

Ao final da pesquisa foram realizadas 30 (trinta) visitas, três em cada residência onde havia uma rezadeira. A primeira visita foi para a observação e uma conversa informal com a finalidade de estabelecer uma relação de confiança entre as entrevistadas. Na segunda visita foram realizadas as entrevistas e na terceira foi coletado o material botânico indicado pelas rezadeiras.

As pesquisas botânicas foram realizadas através dos sites: Flora do Brasil - www.reflora.jbrj.gov.br, www.theplantlist.org e www.tropicos.org para informações sobre a origem, distribuição e autoria de identificação da vegetação abordada na pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Características socioeconômicas das rezadeiras

Foram entrevistadas 10 (dez) rezadeiras residentes no município de Amparo, Paraíba (PB), todas do sexo feminino, com idade acima de 49 anos, das quais 7 (70%) têm mais de 60 anos, enquadrando-se como idosas, de acordo com a faixa de idade estabelecida pelo Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) (Tabela 1). No geral, a literatura traz que a prática das rezadeiras é exercida pelos mais velhos, corroborando assim com o presente estudo (ZANK; HANAZAKI, 2016; HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012; OLIVEIRA; TROVÃO, 2009; SANTOS, 2009; MACIEL; GUARIM NETO, 2006). Essas mulheres possuem vida simples, sendo 80% (n=8) delas alfabetizadas, nascidas nas zonas rurais do município de Amparo-PB (n=6; 60%) e Sumé-PB (n=4; 40%) através de parteiras. Atualmente os partos são realizados nos hospitais e as parteiras não exercem mais essa prática.

Sobre a ocupação, nenhuma das entrevistadas considerou a atividade de rezadeira como profissão, sendo que para 50% delas a agricultura é a principal fonte de renda. O ofício das rezas pode ser classificado como profissão por exigir disponibilidade de tempo, disposição física e mental além do papel solidário em contribuir para saúde da população. Em

um contexto socioeconômico, Araujo (2011) aborda que a prática das rezas deve ser registrada, de modo que possa ser associada aos serviços médicos, complementando o tratamento das enfermidades, garantindo assim maiores benefícios à população local e valorizando a cultura, uma vez que por muitos anos esta prática era o único tratamento de saúde das populações.

Tabela 1- Características socioeconômicas das 10 rezadeiras residentes no município de Amparo, Paraíba, Brasil.

Aspectos Sociais	Números de entrevistados	Frequência relativa (%)
Idade		
40 a 60 anos	3	30%
> 60 anos	7	70%
Escolaridade (alfabetizadas)		
Sim	8	80%
Não	2	20%
Naturalidade		
Amparo-PB	6	60%
Sumé-PB	4	40%
Ocupação		
Agricultora	5	50%
Aposentada	3	30%
Dona de casa	2	20%
Religião		
Católicas	10	100%
Tempo de atividade na reza (anos)		
10 a 30	6	60%
> 30	4	40%
Filhos		
Sim	9	90%
Não	1	10%

O ritual de reza executado pelas entrevistadas consiste na utilização de galhos com folhas verdes, ou apenas as folhas, benzendo a pessoa enferma com movimentos em forma de cruz e realizando orações a Deus e aos santos católicos. Todas as rezadeiras se declararam católicas (Tabela 1) e possuíam em suas casas quadros com imagens dos santos católicos. As rezas costumam ser longas e a rezadeira não pode ser interrompida durante o ritual, pois, sendo assim, terá que iniciá-lo novamente. Essas especialistas locais reconhecem que ser rezadeira é dom de Deus e que não se pode negar uma reza aos necessitados. Elas afirmam que são usadas por Deus para retirar as enfermidades dos necessitados, mas reforçam que “é a fé que é capaz de curar”.

A rezadeira menos experiente exerce a atividade há 10 anos, mostrando que o conhecimento local dessa atividade não está sendo repassado há mais de uma década. A transmissão desse saber ocorre oralmente e por meio dos gestos, normalmente de pais para filhos (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009). Essa transmissão é definida pela literatura como transmissão de conhecimento vertical (SOLDATI et al., 2015).

Nesta pesquisa, foi observado que, apesar de 90% das entrevistadas (n=9) terem filhos, nenhum deles demonstrou interesse em adquirir os conhecimentos das mães. As rezadeiras afirmaram que a nova geração não tem tanta fé e disposição em aprender as rezas. Apontam como causa às mudanças no estilo de vida acarretado pelo crescimento da urbanização, universalização da medicina convencional e acesso facilitado aos meios de comunicação como televisão, celulares e computadores. Albuquerque et al. (2007) corroboram com essa compreensão sobre mudanças no estilo de vida e acrescentam ainda que as interferências causadas pela internet e redes sociais tem provocado redução no tempo de vivência das novas gerações com os familiares mais antigos, prejudicando assim a transmissão do conhecimento cultural.

A redução na transmissão desse conhecimento pode se tornar um futuro processo de aculturação como revela Carvalho et al. (2012) em sua pesquisa sobre o uso de plantas e a transmissão do conhecimento em uma comunidade rural de Lagoa, Paraíba, constatando que 27% dos entrevistados não se preocupam com o repasse do conhecimento cultural.

Levantamento etnobotânico e funções mágico-religiosas das plantas

Foram registradas 23 espécies de plantas distribuídas em 23 gêneros e 15 famílias (Tabela 2). As famílias Fabaceae (5 spp.) e Lamiaceae (4 spp.) foram as mais citadas. As espécies mais abordadas e com maior relevância para as rezadeiras foram o pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia* L.) (Figura 4 C-F), a arruda (*Ruta graveolens* L.) (Figura 9 C) e o muçambê (*Tarenaya spinosa* (Jacq.) Raf.) (Figura 3 F-H) com 70%, 50% e 40% do total das citações, respectivamente.

O pinhão roxo, (*J. gossypifolia*) natural das Antilhas e América tropical é bastante cultivado no Brasil, principalmente na região Nordeste pelo seu poder mágico e também medicinal (LORENZI; MATOS, 2008). Essa espécie é utilizada nas rezas para mal olhado, energias ruins, desmentido (torção), derrame e vermelhão (infecção de pele). Além de utilizada nos rituais de rezas, a *J. gossypifolia* também é empregada para proteger o lar

quando plantadas ao redor da casa. O chá de suas folhas também possui efeito medicinal na cura de dor de dente.

A arruda (*Ruta graveolens* L.), natural do Mediterrâneo e da Ásia Menor, conhecida pelos poderes mágicos desde a antiguidade, também bastante cultivada no Brasil, principalmente na região Nordeste (LORENZI; MATOS, 2008), foi citada pelas rezadeiras como planta forte para as rezas, mas também considerada difícil de ser utilizada pela sua indisponibilidade. De acordo com uma das entrevistadas que cultivava essa espécie em seu jardim, não se pode contar sempre com a arruda (*Ruta graveolens* L.) para as rezas, pois ela necessita de um tempo longo para regeneração dos seus galhos.

O Muçambê (*Tarenaya spinosa* (Jacq.) Raf.) é uma planta nativa do Brasil e possui domínio também na caatinga (LORENZI, 2008). É indicada para rezar mal olhado e vermelhão e também tem uso medicinal através do lambedor feito com suas flores, que atua na cura da gripe e da tosse.

O pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia* L.) e arruda (*Ruta graveolens* L.) são plantas bastante utilizadas principalmente para uso mágico-religioso (FONSECA et al., 2017; BITENCOURT et al., 2014; KAWA, 2012; OLIVEIRA; TROVÃO, 2009; ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002; ALBUQUERQUE et al., 2007), enquanto o muçambê (*Tarenaya spinosa* (Jacq.) Raf.) tem sido abordado na literatura devido ao seu uso medicinal (COSTA; MARINHO, 2016; ROQUE et al., 2010). Theotonio (2010) enfatiza os poderes mágicos da arruda (*Ruta graveolens* L.) e do pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia* L.) sendo indicados contra mal olhado, feitiçarias, energias ruins e também como amuleto de proteção.

O juazeiro (*Ziziphus joazeiro* Mart.) (Figura 9 D-F), o mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.) (Figura 3 A-B) e o manjerição (*Ocimum basilicum* L.) (Figura 7 C-D), apesar de terem sido pouco citadas pelas rezadeiras, quando mencionadas, foram bastante enfatizadas pela sua relevância mágica, tanto no tratamento de enfermidades como também para outros usos mágicos.

Ziziphus joazeiro Mart., planta nativa e endêmica do Brasil, é bastante utilizado pelas comunidades locais, permanecendo verde durante todo o ano (LORENZI; MATOS 2008). Kury (2012) considera essa espécie como uma das mais representativas da caatinga. As rezadeiras entrevistadas afirmaram utilizar apenas as folhas dessa espécie para os rituais de reza e não os galhos como acontece com a maioria das outras plantas, devido aos seus espinhos. A ‘ferida de boca’, enfermidade tratada com rezas, também pode ser curada quando o doente utiliza um colar feito com as folhas do juazeiro até que sare completamente. O lambedor feito com suas folhas também é empregado para tratar a tosse.

As comunidades do nordeste brasileiro atribuem diversas utilidades ao *Z. joazeiro*, como combustível, alimentício, medicinal, veterinário, entre outros (AREVALO-MARIN et al., 2015; SILVA et al., 2014). O uso mágico-religioso atribuído a essa espécie é pouco expressivo na literatura, no entanto, além do uso pelas rezadeiras dessa pesquisa, tem-se o trabalho de Guerra et al. (2012) realizado na zona rural do município de São Mamede, Paraíba, que observaram esse uso, além dos demais.

O mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.) é utilizado nas rezas para combater e curar o mal olhado, a dor de cabeça e desmitido (torção). Também foi apontado pelas entrevistadas devido suas propriedades medicinais, pois, através do chá, cura-se problemas gastrointestinais (gastrite) e do xarope, trata-se problemas respiratórios, como a gripe e a tosse. Esse achado, corrobora com os estudos de Costa e Marinho (2016) que estudou as plantas medicinais em uma comunidade do município de Picuí na Paraíba. Os estudos etnobotânicos realizados no Nordeste brasileiro enfatizam os fins medicinais dessa espécie (ALVES et al., 2014; MAIOLI-AZEVEDO; FONSECA-KRUELL, 2007; SANTOS et al., 2017), sendo indicada para diversas enfermidades como verminoses, tosse, catarro, febre e diarreia (BRITO et al., 2015).

O manjeriço (*Ocimum basilicum* L.) natural da Ásia, bastante utilizado no Brasil (LORENZI; MATOS, 2008) é indicado para rezar mal olhado, vermelhão (erisipela), dor de cabeça, desmitido (torção) e derrame. Além de ser usado nas rezas, também é indicado para retirar e bloquear as energias ruins da casa, mergulhando as folhas da planta na água e despejando-a nos quatro cantos da casa, procedimento relatado por uma das entrevistadas. Kawa (2012), Oliveira; Trovão (2009) e também Albuquerque; Chiappeta (1994) também observaram o uso mágico-religioso do manjeriço (*Ocimum basilicum* L.). No entanto, a maioria das pesquisas dá ênfase principalmente às propriedades farmacológicas e medicinais dessa espécie (SANTOS et al., 2017; ALBERTASSE et al., 2010; TAKUA, et al., 2008; DANTAS, 2007). Lorenzi e Matos (2008), destacam algumas funções medicinais do *Ocimum basilicum* L., afirmando que se trata de uma erva restaurativa que alivia espasmos, melhora a digestão, baixa a febre, além de atuar na cura de infecções bacterianas e parasitas intestinais.

Tabela 2–Levantamento etnobotânico das plantas mágico-religiosas usadas pelas rezadeiras do Município de Amparo, Paraíba, Brasil. (Fotos: APÊNDICE 1)

FAMÍLIA/ESPÉCIE	NOME LOCAL	CITAÇÃO	INDICAÇÃO USO MÁGICO	INDICAÇÃO MEDICINAL	ORIGEM	Nº TOMBO
Amaranthaceae <i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	3	Mal olhado, dor de cabeça e desmitido (torção).	Xarope (tosse, gripe), Chá (Infecção, gastrite)	Nativa	1878
Annonaceae <i>Annona squamosa</i> L.	Pinha	1	Mal olhado, ferimento, queimadura e desmitido (torção).	-	Exótica	1879
Cleomaceae <i>Tarenaya spinosa</i> (Jacq.) Raf.	Muçambê	4	Mal olhado e vermelhão (erisipela).	Gripe, tosse (Faz o Lambedor)	Nativa	1880
Convolvulaceae <i>Ipomoea carnea</i> Jacq.	Mucambo ou Oliveira	2	Mal olhado	-	Nativa	1881
Euphorbiaceae <i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão Roxo	7	Mal olhado, energias ruins, desmitido (torção), vermelhão (erisipela), ferimento, derrame e proteger a casa.	Dor de dente (Chá)	Nativa	1882
Fabaceae <i>Cassia siamea</i> Lam.	Canafistula	3	Mal olhado, esmorecimento, queimadura, ferida de boca, dor de cabeça e quebradeira no corpo.	-	Exótica	1883
<i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.) de Wit.	Linhaça	1	Mal olhado, desmitido (torção), vermelhão (erisipela) e derrame.	-	Exótica	1884
<i>Cenostigma pyramidale</i> (Tul.) Gagnon & G. P. Lewis.	Catingueira	2	Mal olhado, ferida de boca, dor de cabeça, esmorecimento, quebradeira no corpo e queimadura.	-	Nativa	1885
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link.	Pagé ou Manjiroba	3	Mal olhado, vermelhão, ferida de boca, dor de cabeça, esmorecimento, queimadura e quebradeira no corpo.	-	Nativa	1886
<i>Prosopis juliflora</i> (SW) DC	Algaroba	3	Mal olhado, dor de cabeça e desmitido (torção)	-	Exótica	1887

Tabela 2 (Continuação)

FAMÍLIA/ESPÉCIE	NOME LOCAL	CITAÇÃO	INDICAÇÃO USO MÁGICO	INDICAÇÃO MEDICINAL	ORIGEM	Nº TOMBO
Lamiaceae						
<i>Lippia sidoides</i> Cham.	Alecrim silvestre	2	Mal olhado, dor de cabeça e desmitido (torção).	-	Nativa	1888
<i>Mentha piperita</i> L.	Hortelã Pimenta	1	Mal olhado, desmitido, vermelhão (erisipela) e derrame.	Chá - derrame	Exótica	-
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim tempero	2	Mal olhado, dor de cabeça e desmitido (torção).	Chá (Febre e Dores)	Exótica	-
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjericão	2	Mal olhado, vermelhão, dor de cabeça, desmitido (torção), evita derrame, limpeza das energias ruins da casa.	-	Exótica	-
Malvaceae						
<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	1	Mal olhado e desmitido (torção).	Afinar o sangue e furúnculo (põe os caroços do algodão na cachaça e bebe).	Exótica	1889
Meliaceae						
<i>Azadirachta indica</i> A. Juss.	Aroeira do Pará, Vitória, Estrela no Norte ou Nin	3	Mal olhado, vermelhão (erisipela), esmorecimento, queimadura, ferida de boca, quebradeira no corpo, dor de cabeça, desmitido (torção), derrame.	Repelente de mosquitos	Exótica	1890
Moraceae						
<i>Ficus Benjamina</i> L.	Ficus	1	Mal olhado.	-	Exótica	1891
Moringaceae						
<i>Moringa oleífera</i> Lam.	Jarrim	1	Mal olhado, desmitido (torção), vermelhão (erisipela), evita derrame.	As semente limpam a água barrenta.	Exótica	1892
Plantaginaceae						
<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	2	Mal olhado, extrair as energias ruins, ferimento e desmitido (torção).	-	Exótica	1893
Rhamnaceae						
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro	3	Mal olhado, desmitido (torção), esmorecimento, queimadura, dor de cabeça e ferida de boca (reza) ou utilizando um colar confeccionado com as folhas.	Tosse	Nativa	1894
Rutaceae						
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	5	Mal olhado, energias ruins, dor de cabeça e desmitido (torção), vermelhão (erisipela), derrame, proteger a casa.	Dor de ouvido , Cólica (Chá)	Exótica	-
Solanaceae						
<i>Nicotiana Glauca</i> Graham	Para-raio ou Oliveira	5	Mal olhado.	-	Exótica	1895
Verbenaceae						
<i>Lippia alba</i> (Mil.) N. E. Br	Cidreira	1	Mal olhado, dor de cabeça e desmitido (torção).	-	Nativa	1896

De todas as espécies indicadas (n=23), 8 (35%) foram citadas apenas uma vez pelas rezadeiras, sendo a hortelã pimenta (*Mentha piperita* L.) (Figura 6 F-G), cidreira (*Lippia alba* (Mil.) N. E. Br.) (Figura 10 A-C) (e para-raio (*Nicotiana Glauca* Graham) (Figura 9 G-J) já mencionadas na literatura como plantas mágicas (FONSECA et al., 2017; ALENCAR et al., 2010). Enquanto as demais (n=5; 22%) foram incluídas nas práticas de rezas mais pelo fator disponibilidade, do que por sua eficiência.

Plantas como o nin (*Azadirachta indica* A. Juss.) (Figura 8 A-C), a algaroba (*Prosopis juliflora* (SW) DC) (Figura 6 A-B) e o ficus (*Ficus Benjamina* L.) (Figura 8 G-H) destacam-se por serem consideradas invasoras da Paraíba (FABRICANTES et al., 2017), de modo que, por estarem verdes o ano todo, são utilizadas pelas rezadeiras como uma alternativa na ausência das demais. Segundo relato de uma das rezadeiras, essas plantas são “fracas” e quando utilizadas para “rezas fortes” deixam-na doente, afirmando, portanto, que, devido à indisponibilidade de plantas fortes o ano todo, tem rezado apenas nos familiares e vizinhos.

Constatou-se nesse estudo que as plantas mágicas estão associadas às rezas e à fé na cura, mas algumas também apresentam propriedades medicinais. Kawa (2012) considera que as plantas mágicas podem ser vistas como plantas medicinais pelo seu poder de cura, apesar da forma de usar ser diferente. O autor coloca ainda a importância de preservar as plantas mágicas para manutenção da agrobiodiversidade, pois as plantas são valorizadas pelo seu uso simbólico e prática sociocultural. Bussman (2016), em sua pesquisa com plantas mágicas acredita que as propriedades alucinógenas das plantas são necessárias para fazer com que os usuários entrem em contato com as divindades, espiritualidade, considerando assim a função mágica das plantas. Por outro lado, alguns estudos discordam do efeito mágico religioso das plantas, haja vista que essas plantas possuem propriedades psicoativas que induzem o doente a acreditar na cura, fazendo com que ele se cure com o efeito placebo (FERREIRA-JÚNIOR et al., 2010; ARRUDA-CAMARGO, 2006

As indicações de uso mágico-religiosos expostas pelas entrevistadas variam de “mal olhado” a “derrame”, sendo a primeira enfermidade citada por todas as entrevistadas, seguidas do “desmentido” com 30% (Figura 2). O “mal olhado” é a enfermidade tratada por essa cultura que ainda não possui substituto, “o olhado pode até matar e não tem remédio, nem médico que cure, só a reza” (Rezadeira 5, 76 anos). Na literatura, essas doenças são bastante mencionadas (BITENCOURT et al., 2014; FREITAS, 2014; KAWA, 2012; ARAÚJO, 2011; OLIVEIRA; TROVÃO 2009), sendo curadas pelo poder da reza.

Nessa pesquisa, as rezadeiras não atribuíram a recuperação das enfermidades a espécies de plantas específicas, mas sim às plantas verdes capazes de absorver as

enfermidades, “*Jesus deixou as plantas para ser instrumento das rezas, as plantas absorvem as doenças*” (Rezadeira 8, 71 anos). No entanto, as entrevistadas apontam que existem plantas que são mais eficientes que outras quanto à absorção, como por exemplo, o pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia* L.) e a Arruda (*Ruta graveolens* L.) sendo plantas das fortes, e a algaroba (*Prosopis juliflora* (SW) DC) e nin (*Azadirachta indica* A. Juss.) sendo plantas fracas.

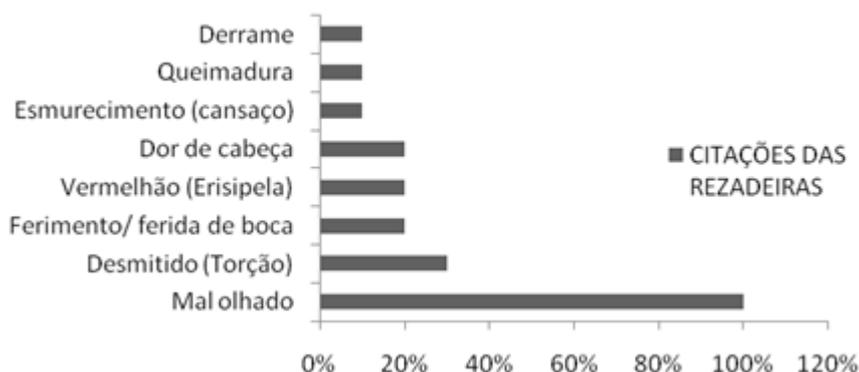


Figura 2 – Indicações terapêuticas das rezas segundo as rezadeiras do Município de Amparo, Paraíba, Brasil.

Para o tratamento medicinal (Tabela 2) as espécies de plantas são tidas como importantes por conta de suas propriedades farmacológicas, diferentemente das plantas de uso mágico-religioso, no qual a reza é o fator preponderante. Araújo et al. (2014) relatam que o tema das plantas medicinais é considerado o mais estudado e difundido na etnobiologia por estar associado a várias áreas do conhecimento, principalmente as relacionadas à saúde com relevância para descoberta de novas drogas e medicamentos.

As entrevistadas relataram 10 espécies de plantas (43%) que também são utilizadas com fins medicinais (Tabela 2). Dentre as doenças tratadas, as respiratórias como tosse e gripe destacaram-se nas citações (3 citações; 30% do total de citações), onde para tratar tais enfermidades, as plantas como juazeiro (*Ziziphus joazeiro* Mart.), mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.) e mussambê (*Tarenaya spinosa* (Jacq.) Raf.) foram as mais relevantes. Pesquisas sobre plantas medicinais corroboram com essas indicações, acrescentando também problemas gástricos e do fígado, doenças de pele, limpeza dos dentes para *Z. joazeiro*; vermífugo, problemas estomacais, reumatismo, úlcera, cicatrizante, inflamação e fraturas para o *C. ambrosioides* e bronquite, inflamação, umbigo inflamado para o *T. spinosa* (LORENZI; MATOS, 2008; DANTAS, 2007).

Formas de obtenção das plantas mágico-religiosas

As comunidades locais utilizam diferentes critérios para a escolha das plantas. No caso das rezadeiras o critério exigido é a disponibilidade associada à presença de folhas verdes que possam ser colhidas no momento da reza. Por conta disso, essas plantas são cultivadas nos quintais, jardins e ao redor das residências. As plantas com maior utilidade para as comunidades locais são normalmente cultivadas próximas às casas como forma de facilitar o acesso e a conservação das espécies mais importantes (BRITO et al., 2015; KAWA, 2012; ALBERTASSE et al. 2010).

Silva et al. (2018) estudando uma comunidade rural do Piauí observaram que 85,91% das residências entrevistadas possuíam plantas místicas em seus quintais utilizadas para cura do corpo físico e espiritual como também para embelezar a área ao redor das casas. Essas plantas ornamentais e mágicas são portadoras de poderes sobrenaturais que protegem a casa de mal olhado e energias ruins, trazem dinheiro e promovem a abertura de caminhos (SIVIERO et al., 2014).

Algumas espécies, por exigirem maior cuidado, são cultivadas em jardins cercados, como a arruda (*Ruta graveolens* L.), o manjeriço (*Ocimum basilicum* L.), a cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N. E. Br) (Figura 10 A-C), hortelã pimenta (*Mentha piperita* L.) (Figura 6 F-G), alecrim tempero (*Rosmarinus officinalis* L.) (Figura 7 A-B) e o matruz (*Chenopodium ambrosioides* L.), garantindo a conservação e proteção contra as intempéries ambientais.

CONCLUSÕES

Mesmo com tanta interferência da sociedade moderna a cultura das rezas no município de Amparo ainda resiste e vem sendo praticada pelas rezadeiras tanto na zona urbana quanto na rural. No entanto, a importância e valorização dessa cultura vêm sendo aos poucos perdida pelo fato das novas gerações não se interessarem por esse conhecimento.

No passado a prática das rezadeiras era o único recurso de tratamento de saúde disponível para a população. No entanto, o avanço da urbanização e o acesso facilitado aos meios de comunicação têm provocado redução na frequência das rezas e no uso das plantas. Apesar de a pesquisa contar com um número considerável de rezadeiras, a maioria relatou esquecimento de alguns rituais, o que pode estar relacionado, provavelmente, a ampliação dos serviços médicos e a disponibilidade de fármacos.

As espécies de plantas mágico-religiosas também têm sofrido modificações dentro da cultura devido as possíveis alterações na vegetação da caatinga. Caso, é a inserção de espécies invasoras nas práticas de rezas, como a algaroba (*Prosopis juliflora* (SW) DC) e o nin (*Azadirachta indica* A. Juss.). Do ponto de vista da conservação, é bem provável, que essas espécies estejam ganhando espaço nas comunidades do semiárido por sua disponibilidade o ano inteiro. Porém, é possível supor que a algaroba (*P. juliflora*) e o nin (*A. indica*) venham ocupando um espaço que era de espécies nativas, como a jurema (*Mimosa hostilis* Benth.). Essa espécie apesar de não ter sido citada nessa pesquisa é muito comum no uso mágico-religioso no semiárido brasileiro.

É importante promover políticas públicas para incentivar a cultura das rezadeiras que zelam pelo valor místico da vegetação, e assim fomentar a aproximação, respeito e conservação das plantas mágico-religiosas.

REFERÊNCIAS

ALBERTASSE, P. D.; ANDRADE, M. A. ; THOMAZ, L. D. **Plantas medicinais e seus usos na comunidade da Barra do Jucu, Vila Velha, ES**, 2010.

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P., ALENCAR, N.L., Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. (eds.), **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Núcleo publicações em ecologia e etnobotânica aplicada (NUPEEA), Recife, Brasil; 2010.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; LINS NETO, E. M. F.. Seleção e escolha dos participantes da pesquisa. In: ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2. ed. Editora COMUNIGRAF/NUPEEA, Recife. p. 21-40, 2008.

ALBUQUERQUE, U. P.; MONTEIRO, J. M.; RAMOS, M. A., AMORIM, E. L. C. Medicinal and magic plants from a public market in northeastern Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**. v. 110, p.76–91, 2007.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botânica Brasílica**. v.16 (3), p. 273 – 285, 2002.

ALBUQUERQUE, U. P. The use of medicinal plants by the cultural descendants of African people in Brazil. **Acta Farmacéutica Bonaerense**, v. 20, n. 2, p. 139-144, 2001.

ALBUQUERQUE, U. P.; CHIAPPETA, A. A.. O uso de plantas e a concepção de doença e cura nos cultos afro-brasileiros. **Ciência and Trópico**, v. 22, p. 197-209, 1994.

ALENCAR, N. L., ARAÚJO, T. A. S., AMORIM, E. L. C., & ALBUQUERQUE, U. P.. The inclusion and selection of medicinal plants in traditional pharmacopoeias - evidence in support of the diversification hypothesis. **Economic Botany**, v. 64, n. 1, p. 68-79, 2010.

ALVES, C. M.; LUCENA, C. M.; SANTOS, S. S.; LUCENA, R. F. P.; TROVÃO, D. M. B. M.; Ethnobotanical study of useful vegetal species in two rural communities in the semi-arid region of Paraíba state (Northeastern Brazil) **Bol. Mus. Biol. MELLO LEITAO**, v. 34, p.75-96, 2014.

ALVES, R. R. N.; SILVA, A. A. G.; SOUTO, W. M. S.; BARBOZA, R. R. D.. Utilização e comércio de plantas medicinais em Campina Grande, PB, Brasil. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. IV (2), p. 175-198, 2007.

AMPARO. PREFEITURA MUNICIPAL DE AMPARO. (Org.). **História da cidade**. 2017. Disponível em: <<http://www.amparo.pb.gov.br/acidade/historia/>>. Acesso em: 28 set. 2017.

ARAÚJO, T. A. S.; MELO, J. G.; ALBUQUERQUE, U. P.. Plantas Mediciniais. **Introdução à Etnobiologia**. Recife: NUPEEA, p. 91-97, 2014.

ARAÚJO, Fabiano Lucena. Representações de doença e cura no contexto da prática popular da medicina: estudo de caso sobre uma benzedeira. **CAOS–Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 18, 2011.

ARÉVALO-MARÍN, E.; LIMA, J. R. F.; PALMA, A. R. T.; LUCENA, R. F. P.; CRUZ, D. D.. Traditional Knowledge in a Rural Community in the Semi-Arid Region of Brazil: Age and gender patterns and their implications for plant conservation. **Ethnobotany Research and Applications**, v. 14, p. 331-344, 2015.

ARRUDA-CAMARGO, Maria Thereza Lemos. Os poderes das plantas sagradas numa abordagem etnofarmacobotânica. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v.15-16, p. 395-410, 2006.

BAILEY, Kenneth D. **Methods of Social Research**. New York, ed.4, 1994. 592p.

BITENCOURT, B. L. G.; LIMA, P. G. C.; BARROS, F. B.. Comércio e uso de plantas e animais de importância mágico-religiosa e medicinal no mercado público do Guamá, Belém do Pará/ Trade and use of plants and animals of importance magical/religious and medicinal in Market of Guamá, city of Belém, State of Pará. **Revista FSA (Faculdade Santo Agostinho)**, v. 11, n. 3, p. 96-158, 2014.

BRASIL. Ministério de Minas e Energia. CPRM. **Diagnóstico do Município de Amparo**. Recife, 2005.

_____. Ministério da Saúde. **Estatuto do idoso**. Editora MS, 2003.

BRITO, M. F. M.; LUCENA, R. F. P. ; CRUZ, D. D.. Conhecimento etnobotânico local sobre plantas medicinais: uma avaliação de índices quantitativos. **Interciencia**, v. 40, n. 3, 2015.

BUSSMANN, Rainer W. Magic Plants. In: **Introduction to Ethnobiology**. Springer International Publishing, p. 163-169, 2016.

CARVALHO, T. K. N et al. Plantas usadas por uma comunidade rural na Depressão Sertaneja no Nordeste do Brasil. **Biofar**, Vol. Especial, p. 92-120, 2012.

CORTÉS, W. A et al. Caracterización y usos tradicionales de productos forestales no maderables (PFNM) en el corredor de conservación Guantiva–La Rusia–Iguaque. **Revista Colombia Forestal**.v.13(1), p. 117-140, 2010.

COSTA, J. C.; MARINHO, M. G. V.. Etnobotânica de plantas medicinais em duas comunidades do município de Picuí, Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 18, n. 1, p.125-134, 2016.

DANTAS, Ivan Coelho. **O Raizeiro**. Campina Grande: EDUEP, 2007. 540 p

FABRICANTE, J. R.; SANTOS, J. P. B.; ARAÚJO, K. C. T.; COTARELLI, V. M.. Utilização de espécies exóticas na arborização e a facilitação para o estabelecimento de casos de invasão biológica. **Biotemas**, v. 30, n. 1, p. 55-63, 2017.

FABRICANTE, J. R.; SIQUEIRA FILHO, J. A.. Plantas exóticas e invasoras das caatingas do Rio São Francisco. In: SIQUEIRA FILHO, J. A. (Org.). **A flora das caatingas do Rio São Francisco: história natural e conservação**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson,. Cap. 10. p. 366-393, 2012.

FERRAZ, J. S. F.; ALBUQUERQUE, U. P.; MEUNIER, I. M. J.. Valor de uso e estrutura da vegetação lenhosa às margens do riacho do Navio, Floresta, PE, Brasil. **Acta Bot. Bras.**, vol. 20, n.1, p.125-134, 2006.

FERREIRA-JÚNIOR, W. S.; CRUZ, M. P., VIEIRA, F. J.; ALBUQUERQUE, U. P.. Are hallucinogenic plants efficacious in curing diseases?. **Boletín Latino americano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, v. 9, n. 4, p. 292-301, 2010.

FREITAS, Cilma Laurinda. Uso terapêutico e religioso das ervas. **Caminhos**, v. 12, n. 1, p. 79-92, 2014.

FONSECA, L. M. B.; GARZÓN, A. G. M.; GÓMEZ, M. A. T. Recuperación etnobotánica del uso tradicional no maderable del bosque secundário en el municipio de Nocaima, Cundinamarca. **Revista Mutis**, v. 7, n. 1, p. 48-66, 2017.

GUERRA, N. M et al. Usos locais de espécies vegetais nativas em uma comunidade rural no semiárido nordestino (São Mamede, Paraíba, Brasil). **Biofar**, Vol. Especial, p. 184, 2012.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M. T. Velhas benzedeadas. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 17, n. 2, p. 126-140, 2012.

HUNTINGTON, H P. Using traditional ecological knowledge in science: methods and applications. **Ecological applications**, v. 10, n. 5, p. 1270-1274, 2010.

IDEME. **Índice de Desenvolvimento Humano no Brasil**. 2013. Disponível em: <http://ideme.pb.gov.br/servicos/perfis-do-idhm/atlasidhm2013_perfil_amparo_pb.pdf>. Acesso em Outubro de 2017.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <[http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=250073&idtema=156&search=p araiba|amparo-2015](http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=250073&idtema=156&search=p%20araiba|amparo-2015)>. Acesso em: maio de 2017.

KAWA, N. Magic plants of Amazonia and their contribution to agrobiodiversity. **Human Organization**, v. 71, n. 3, p. 225-233, 2012.

KURY, L. B. Viajantes Naturalistas no Rio São Francisco. In: SIQUEIRA FILHO, J A (Org.). **A flora das caatingas do Rio São Francisco: história natural e conservação**. Rio de Janeiro. Ed.: Andrea Jakobsson, Cap. 2. p. 66-97, 2012.

LUCENA, R. F. P.; NASCIMENTO, V. T.; ARAÚJO, E. L.; ALBUQUERQUE, U. P.. Local uses of native plants in an area of Caatinga vegetation (Pernambuco, NE Brazil). **Ethnobotany Research and Applications**, v. 6, p 003-014, 2008.

LUCENA, R. F et al. Useful plants of the semi-arid northeastern region of Brazil– a look at their conservation and sustainable use. **Environmental Monitoring and Assessment**, v.125(1), p 281-290, 2007.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A.. **Plantas medicinais no Brasil: Nativas e exóticas**. 2. ed. Sao Paulo: Instituto Plantarum, 2008. 544 p.

LORENZI, Harri. **Plantas daninhas do brasil: terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas**. 4. ed. São Paulo: Instituto Plantarum, 2008. 640 p.

MACIEL, M.; GUARIM NETO, G.. Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. **Bol. Mus. Para Emílio Goeldi, Ciências Humanas**, p. 61-77, 2006.

MAIOLI-AZEVEDO, V.; FONSECA-KRUEL, V. S. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no Município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul. **Acta bot. bras**, v. 21, n. 2, p. 263-275, 2007.

MUNIZ, J. C.; SILVA, L. E..Mais que isso eu não posso falar”: notas sobre benzeduras e parteiragens caçara em Guaraqueçaba/PR. **HYGEIA - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 12 (23), p. 31 – 43, 2016.

OLIVEIRA, E. C. S.; TROVÃO, D. M. B. M. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista brasileira de Biociências**, v. 7, n. 3, 2009.

ROQUE, A. A.; ROCHA, R. M.; LOIOLA, M. I. B.. Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (nordeste do Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 12, n. 1, p. 31-42, 2010.

SANTOS, R. S et al. Uso regular de plantas medicinais para fins terapêuticos em famílias residentes na zona rural de Santo Antônio de Jesus, Bahia–Brasil. **Journal of Health & Biological Sciences**, v. 5, n. 4, p. 364-370, 2017.

SANTOS, Francimário Vito. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. **Revista CPC**, n. 8, p. 6-35, 2009.

SHARMA, U. K.; PEGU, S.. Ethnobotany of religious and supernatural beliefs of the Mising tribes of Assam with special reference to the 'DoburUie'. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 7, n. 1, p. 16, 2011.

SILVA, P. H.; OLIVEIRA, Y. R.; ABREU, M. C.. Entre símbolos, mistérios e a cura: plantas místicas dos quintais de uma comunidade rural piauiense. **Gaia Scientia**, v. 12, n. 1, 2018.

SILVA, N et al. Conhecimento e Uso da Vegetação Nativa da Caatinga em uma Comunidade Rural da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão**, n. 34, 2014.

SIVIERO, A et al. Plantas ornamentais em quintais urbanos de Rio Branco, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Ciências Humanas, v. 9, n 3, 2014.

SOLDATI, G. T.; HANAZAKI, N.; CRIVOS, M.; ALBUQUERQUE, U. P.. Does environmental instability favor the production and horizontal transmission of knowledge regarding medicinal plants? A study in Southeast Brazil. **Plo Sone**, v. 10, n. 5, 2015.

TAKWA, S et al. *Arbutus unedo* L. and *Ocimum basilicum* L. as sources of natural preservatives for food industry: A case study using loaf bread. **LWT-Food Science and Technology**, v. 88, p. 47-55, 2018.

THEOTONIO, A C R. **Entre ramos de poder: Rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia-PB**. TCC (Graduação) - Curso de História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2010. 124p.

VERDE, A.; RIVERA, D.; OBÓN, C.. Plantas mágicas de la provincia de Albacete: maléficas, protectoras y mágico-curativas. **Al-Basit**, v. 40, p. 143-156, 1997.

ZANK, S.; HANAZAKI, N.. Healing faith: knowledge, learning and social relationships of healers from Araripe plateau, Brazil. **Ethnobiology and Conservation**, v. 5, 2016.

ZENT, S. The Processual perspectives on traditional environmental knowledge: continuity, erosion, transformation, innovation. In: Roy Ellen, Stephen J. Lycett and Sarah E. Johns, (eds). **Understanding Cultural Transmission in Anthropology: A Critical Synthesis**. New York and Oxford: Berghahn Books. P. 213-265, 2013.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso das plantas pelas rezadeiras do semiárido pode ser considerado de grande importância para a manutenção da cultura simbólica que envolve essa prática, promovendo assim o cultivo, a conservação e a ampliação dos conhecimentos das espécies mágico-religiosas na região.

A pesquisa permitiu observar variações intracultural na prática das rezadeiras, principalmente as relacionadas a vegetação que tem incluído espécies invasoras nas práticas de rezas. Foi constatado também que essa cultura sofre risco de erosão, pois as novas gerações não possuem interesse em adquirir e praticar esses conhecimentos que são transmitidos entre as gerações.

A cultura das rezadeiras precisa ser estimulada e preservada, pois, o acesso as rezas é gratuito e com potencial de curar uma diversidade de enfermidades que acometem a população. Cabe, portanto, políticas públicas voltadas a divulgação e a valorização dessa prática, principalmente nos sistemas médicos e educacionais do município de Amparo para motivar a procura e também o interesse das novas gerações em dar continuidade a esse saber.

APÊNDICE 01 – Figuras das espécies de plantas utilizadas pelas rezadeiras do município de Amparo, Paraíba, Nordeste do Brasil.

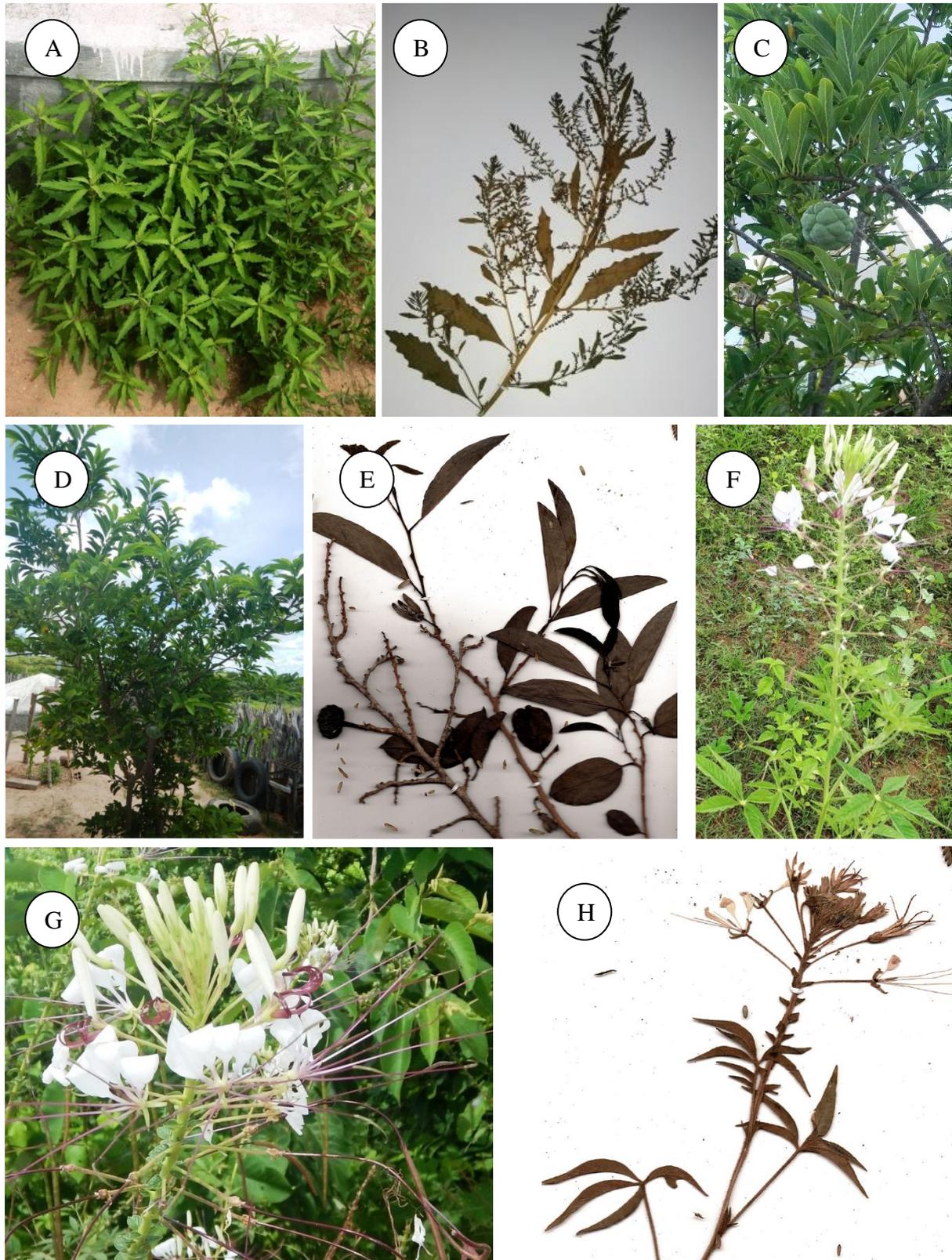


Figura 03 A-B: Amaranthaceae - *Chenopodium ambrosioides* L. (Mastruz). C-E: Annonaceae – *Annona squamosa* L. (Pinha). F-H: Cleomaceae – *Tarenaya spinosa* (Jacq.) Raf. (Muçambê). **Fotos:** Amanda Lucena Coutinho.

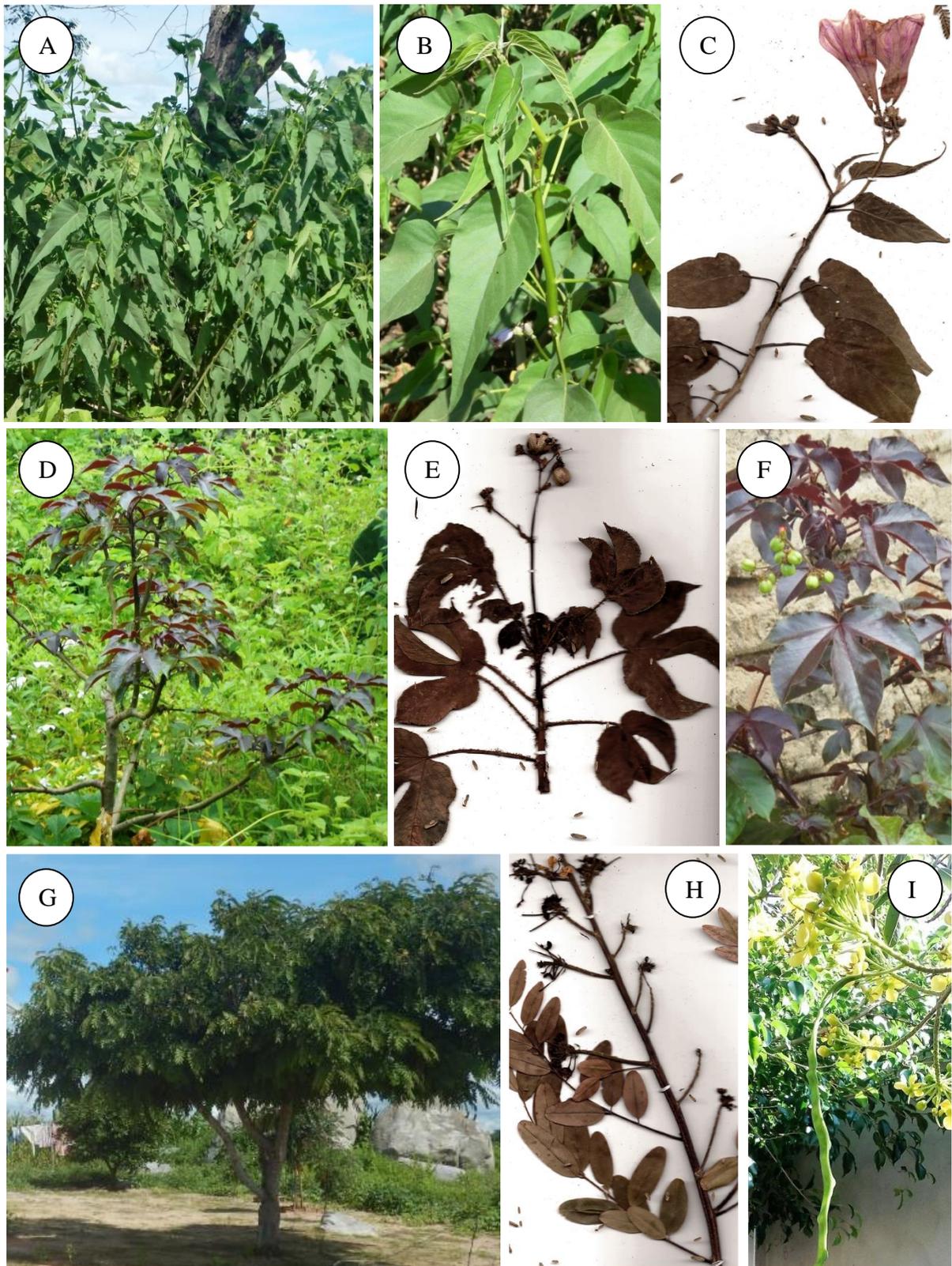


Figura 04 A-B: Convolvulaceae - *Ipomoea carnea* Jacq. (Mucambo ou Oliveira). C-F: Euphorbiaceae - *Jatropha gossypifolia* L. (Pinhão Roxo). G-I: Fabaceae - *Cassia siamea* Lam. (Canafistula). **Fotos:** Amanda Lucena Coutinho.

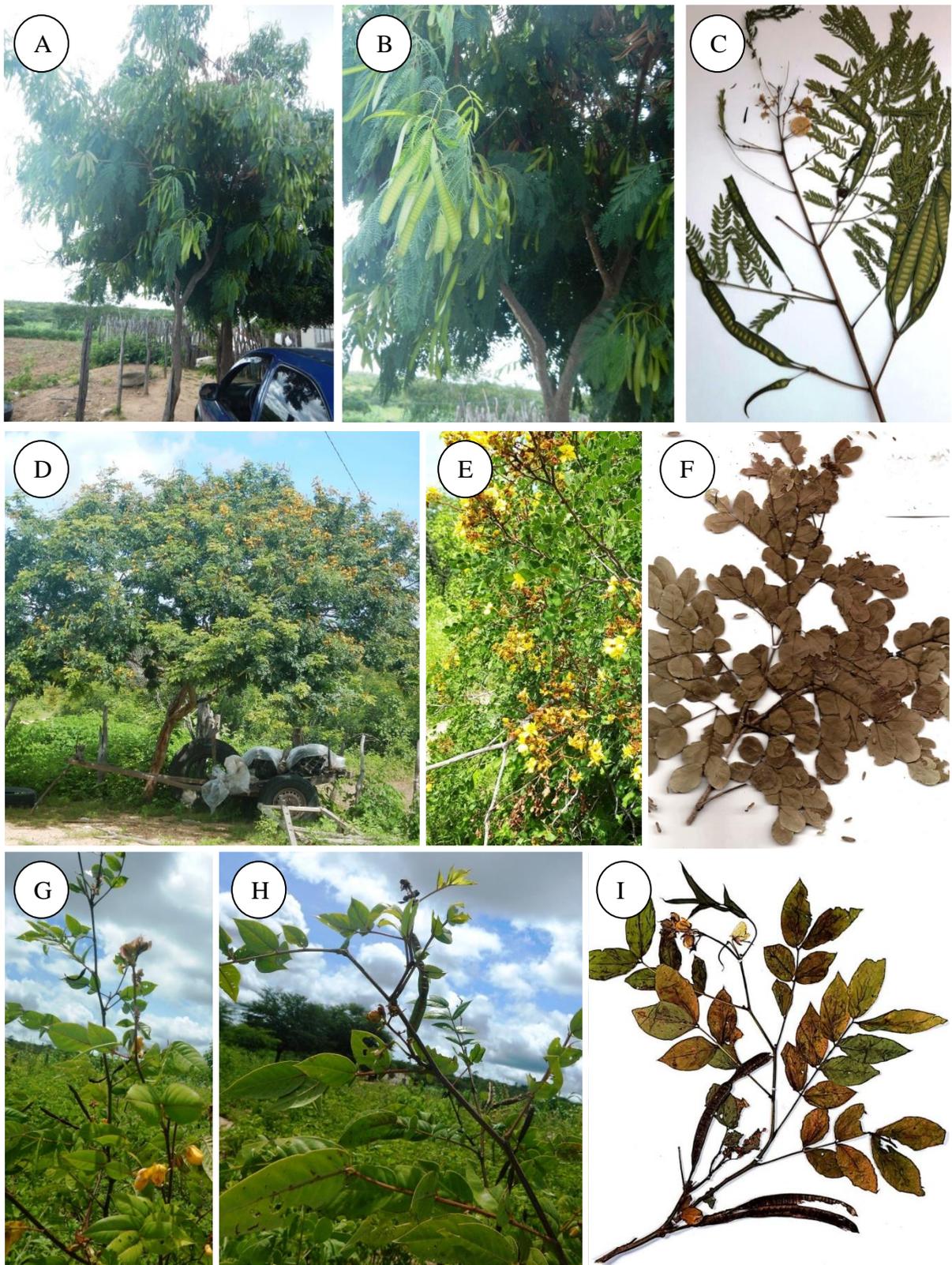


Figura 05 A-C: Fabaceae - *Leucaena leucocephala* (Lam.) de Wit. (Linhaça). D-F: Fabaceae - *Caesalpinia pyramidalis* Tul. (Catingueira). G-I: Fabaceae - *Senna occidentalis* (L.) Link. (Pajé ou Manjiroba). **Fotos:** Amanda Lucena Coutinho.

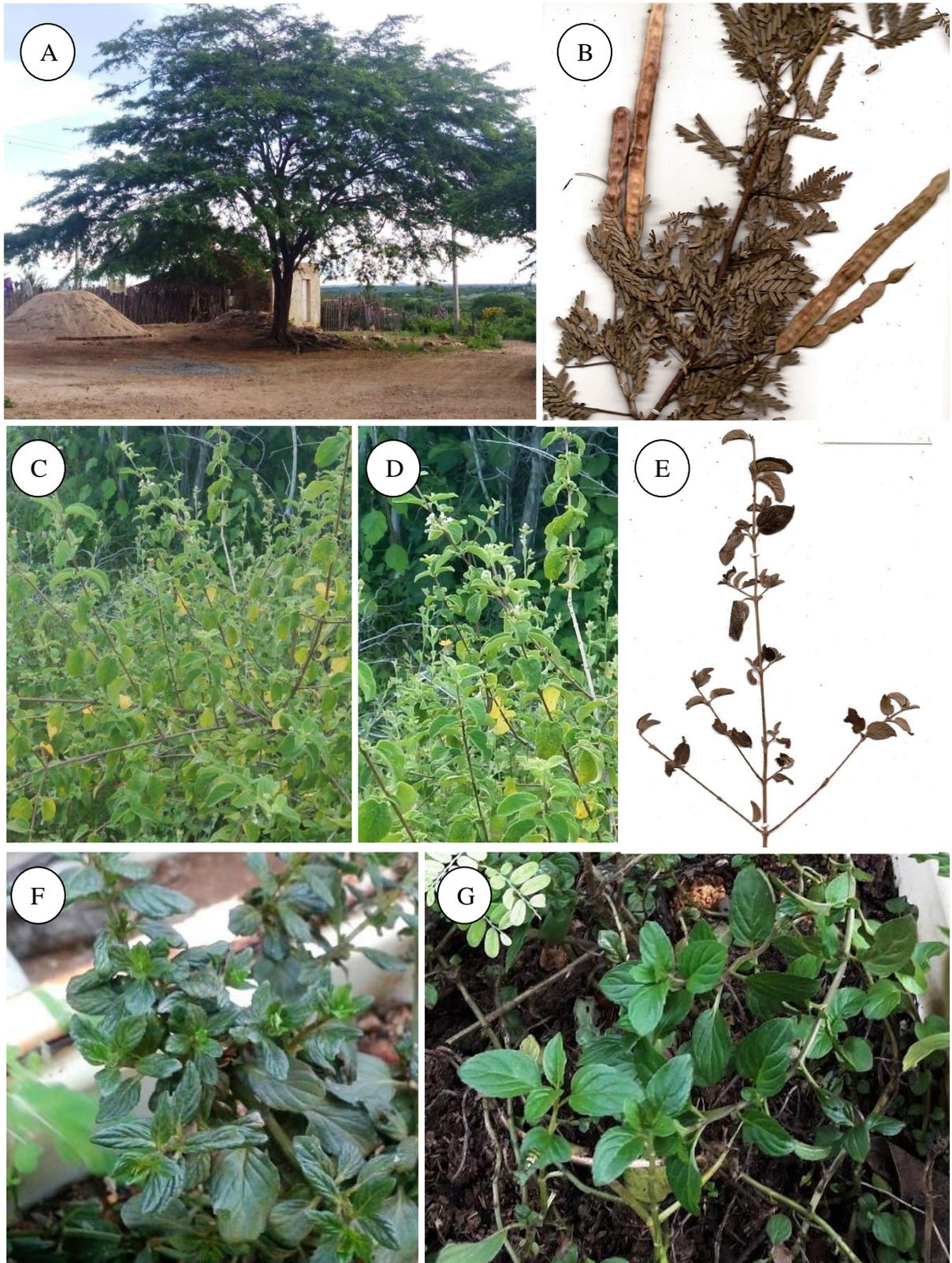


Figura 06 A-B: Fabaceae - *Prosopis juliflora* (Sw.) DC. (Algaroba). C-E: Lamiaceae - *Lippia sidoides* Cham. (Alecrim silvestre). F-G: Lamiaceae - *Mentha piperita* L. (Hortelã Pimenta).
Fotos: Amanda Lucena Coutinho.

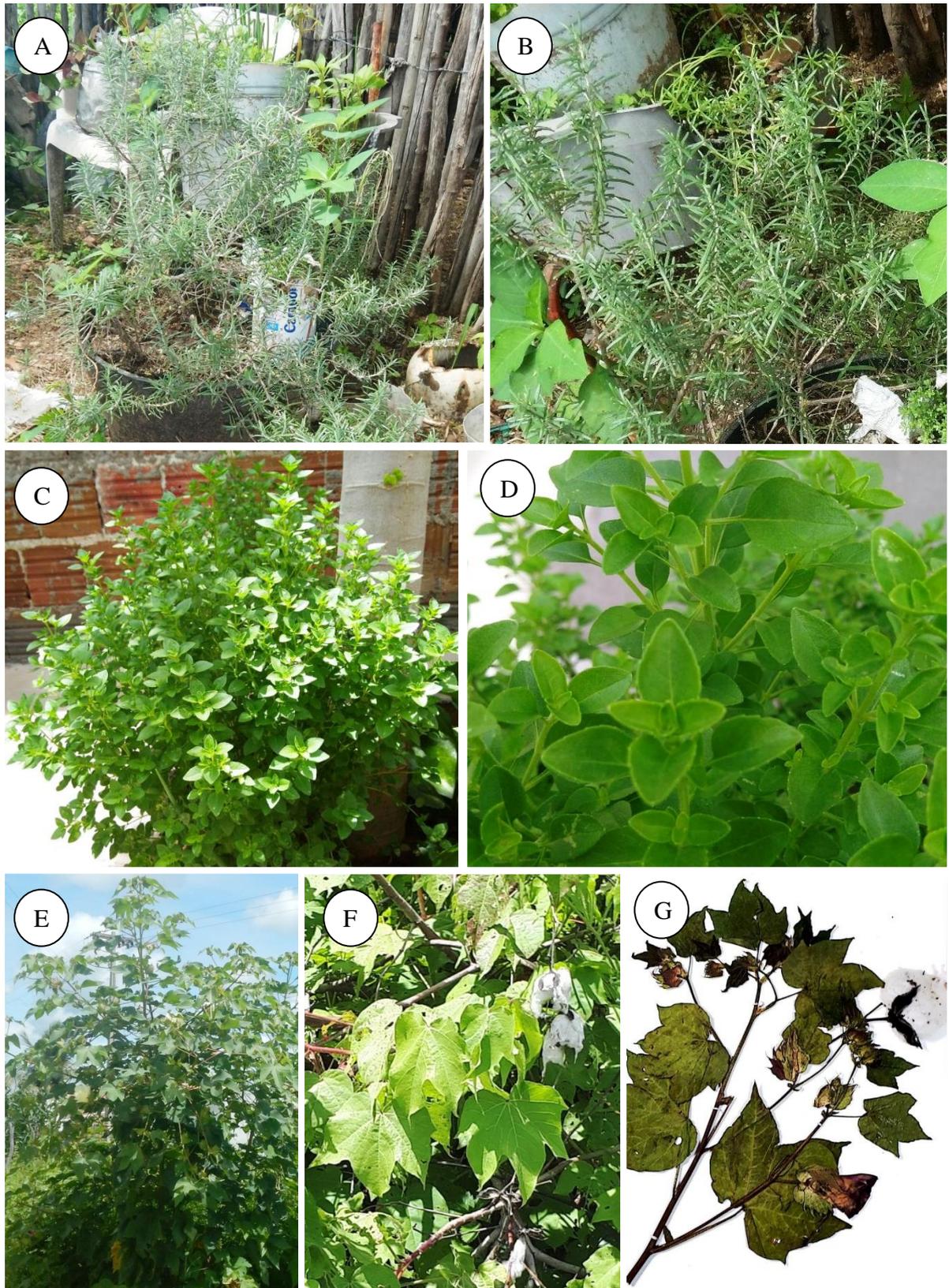


Figura 07 A-B: Lamiaceae - *Rosmarinus officinalis* L. (Alecrim tempero). C-D: Lamiaceae - *Ocimum basilicum* L. (Manjericão). E-G: Malvaceae - *Gossypium hirsutum* L. (Algodão).
Fotos: Amanda Lucena Coutinho.

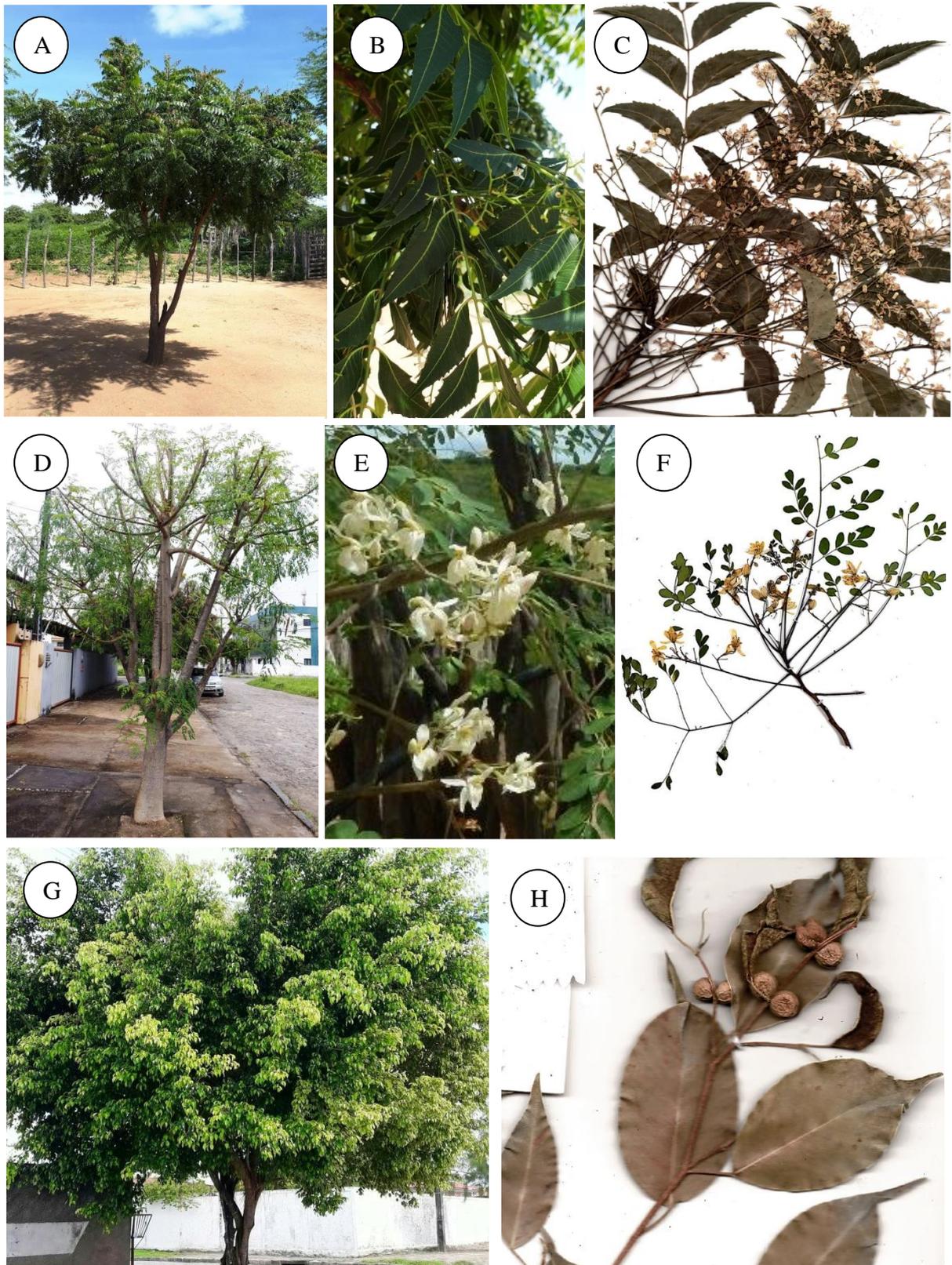


Figura 08 A-C: Meliaceae - *Azadirachta indica* A. Juss. (Nin, Aroeira do Pará, Vitória ou Estrela do Norte). D-F: Moringaceae - *Moringa oleifera* Lam. (Jarrim). G-H: Moraceae - *Ficus benjamina* L. (Ficus). **Fotos:** Amanda Lucena Coutinho.

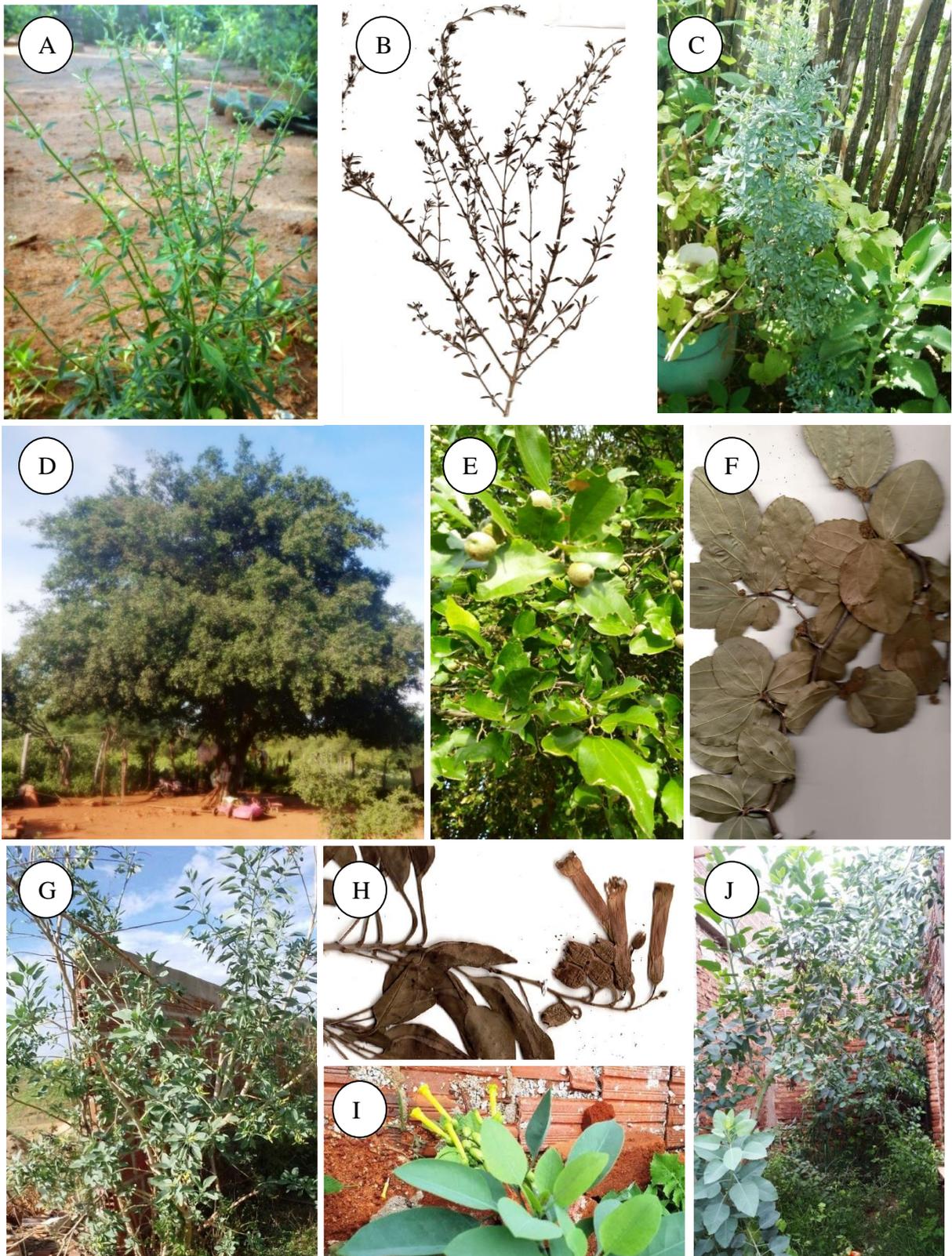


Figura 09 A-B: Plantaginaceae - *Scoparia dulcis* L. (Vassourinha). C: Rutaceae - *Ruta graveolens* L.(Arruda). D-F: Rhamnaceae - *Ziziphus joazeiro* Mart.(Juazeiro). G-J: Solanaceae - *Nicotiana glauca* Graham (Apara-raio ou Oliveira). **Fotos:** Amanda Lucena Coutinho.



Figura 10 A-C: Verbenaceae - *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson. (Cidreira). **Fotos:** Amanda Lucena Coutinho.

APÊNDICE 02 - Formulário de entrevista aplicado as rezadeiras da Comunidade de Amparo, Paraíba.

I. PERFIL SOCIOECONÔMICO

Data entrevista: ___/___/___

Nome completo:

Gênero: ()M ()F

Idade:

Escolaridade:

Tempo de moradia na comunidade:

Ocupação:

Origem da pessoa:

Estado Civil: () Solteiro () Casado () Viúvo () Separado

Filhos: () Não () 1 () 2 () 3 () Acima de três

II. INFORMAÇÕES SOBRE AS PLANTAS MÁGICO-RELIGIOSAS

1. Quais plantas a senhora conhece que serve pra reza?
2. Quais plantas a senhora usa para rezar?
3. Essas plantas citadas, qual a indicação de cada uma delas?
4. Como se faz o uso de cada uma dessas plantas?
5. Qual parte da planta é utiliza para a reza?
6. Onde consegue as plantas para a reza? (é fácil obtê-las?)
7. Existem plantas que você conhece como de reza, mas gosta não de utilizar?
() SIM () NÃO. Quais? Porquê?
8. Com quem você aprendeu a rezar?
9. Essas plantas servem para algum fim medicinal?
10. A senhora ensina esse saber a alguém? Quem?
11. Acha importante repassar as rezas?
12. A comunidade se interessa em aprender a prática das rezas? Por quê?

ANEXO 01 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Convidamos V.Sa. à participar da pesquisa “CONHECIMENTO E UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MÁGICO-RELIGIOSAS POR REZADEIRAS DO SEMIÁRIDO PARAIBANO, NORDESTE DO BRASIL”, que tem por objetivo: Registrar o conhecimento e o uso local de espécies de plantas mágico-religiosas de pessoas que se dizem rezar, discutindo a importância da manutenção desse conhecimento.

Para a realização deste trabalho, solicitamos a vossa colaboração em permitir a execução de entrevistas, conversação, fotografias, gravação de voz e coleta de amostra das plantas utilizadas pela rezadeira. Pedimos ainda a permissão para publicação dos resultados em eventos e revistas científicas nacionais e internacionais.

Diante disso será garantido: a) privacidade à sua identidade e sigilo de suas informações que gere algum risco ou desconforto; b) esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; c) liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si.

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____,

Rezadeira, portadora do documento _____ N° _____, declaro ter conhecimento do Projeto “CONHECIMENTO E UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MÁGICO-RELIGIOSAS POR REZADEIRAS DO SEMIÁRIDO PARAIBANO, NORDESTE DO BRASIL” sob coordenação da Prof^aDr^aKallyne Machado Bonifácio, autorizo a coleta e divulgação dos dados, conforme explicitado no projeto apresentado.

João Pessoa, ____ / ____ / 2018.

Assinatura da Colaboradora:



Espaço dactiloscópico

Prof^a Dr^a Kallyne Machado Bonifácio
Fone: (83)99975-2081

Mestranda: Amanda Lucena Coutinho
Fone: (83)99691-1267